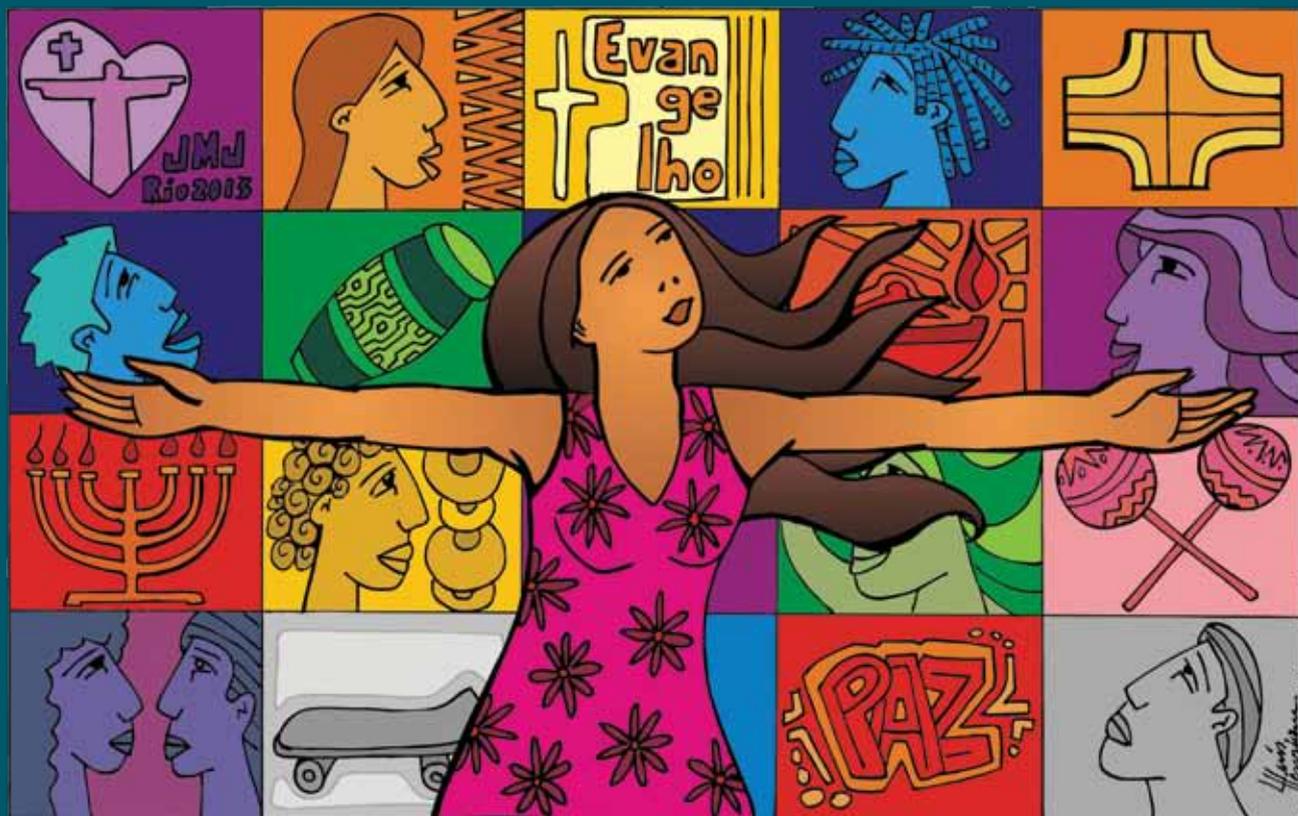




vida pastoral

janeiro-fevereiro de 2013 – ano 54 – número 288



Juventude e religião

- 3** Dos jovens da Bíblia para os jovens de hoje • Celso Loraschi
- 15** Para onde vai a juventude? • J. B. Libanio, sj
- 23** Juventudes e contemporaneidade • Flávio Munhoz Sofiati
- 33** Juventude, desafio e enigma • Jorge Claudio Ribeiro
- 39** Roteiros homiléticos • José Luiz Gonzaga do Prado

Caros leitores e leitoras,

Graça e Paz!

Os dados já divulgados do censo de 2010 demonstram preocupante desafeição dos jovens às religiões, particularmente às religiões tradicionais. Por exemplo, dez anos atrás havia mais católicos de até 29 anos de idade do que hoje. É grande o número dos que se declaram sem religião.

É muito comum vermos quem compare as gerações mais velhas com as novas, considerando estas como portadoras de menos valores ou mesmo as desqualificando. Esse tipo de atitude não é de hoje; há registros de que já antes de Cristo isso acontecia. Portanto, ao invés de interpretarmos a desafeição dos jovens à religião nessa perspectiva ou ficarmos estabelecendo comparações entre gerações, precisamos estar conscientes de que as novas são, em grande medida, reflexo das anteriores e das condições históricas que lhes foram legadas.

Mais fecundo que trilhar esse caminho é fomentar a capacidade de aprendizado mútuo entre as gerações. Gerações mais velhas têm muito para ensinar, mas também muito para aprender com as mais novas. Existem muitos bons exemplos disso ao longo de toda a história, e a Bíblia está recheada deles. Em toda a história do cristianismo não foi diferente, bem como na história do Brasil: basta lembrar os jovens abolicionistas, os inconfidentes, os que resistiram à ditadura. Na atualidade também: os jovens dos Fóruns Sociais Mundiais, dos movimentos culturais, os que se empenham na conquista de direitos para as minorias discriminadas; os jovens dos movimentos contra a economia capitalista predadora; os que, apesar da desafeição de muitos à religião, perseveram no empenho religioso.

A juventude possui força revitalizadora e transformadora pelo fato de não estar completamente envolvida com o *status quo*. Os jovens despojam-se mais facilmente de preconceitos e tabus. As sociedades dinâmicas aproveitam as

potencialidades de que eles são portadores para se revitalizar e renovar. Há até bem pouco tempo, como nos lembra o prof. Jorge Cláudio Ribeiro em artigo a seguir, a Igreja teve bastante êxito na interação com os jovens e na sua evangelização. Basta lembrar a Ação Católica e a vitalidade de diversos movimentos juvenis. É fundamental, portanto, dedicar-nos a compreender quando e por que essa boa relação se rompeu. Não são apenas os jovens que se distanciaram da Igreja; esta também, infelizmente, tem perdido habilidades na interação com eles e se distanciado.

Melhorar a comunicação com os jovens, segundo Ribeiro, não é questão de ampliar o arsenal midiático, para efeitos de concorrência com os meios de comunicação evangélicos, e promover mais alguns padres cantores e celebridades. Não é questão de quantidade de meios, mas de qualidade de comunicação, que para ocorrer precisa de confiança mútua entre as lideranças católicas e os jovens. Não significa apenas ensinar, mas também aprender; admirar os jovens e valorizar sua seiva renovadora. Trata-se de transformação de atitudes, alocação de recursos, reflexão teológica qualificada, mudança nas relações de poder. A juventude tomou a palavra nos anos 60 e não está disposta a abrir mão dela em relações que visem apenas à sua anuência passiva e obediente e a infantilizem. Tem o desejo e o direito de participar, dialogar, reivindicar e decidir conjuntamente.

Construir essa interação significa também criar espaços para ajudar a juventude a amadurecer, a superar a mentalidade de que não tem nada para aprender com as gerações anteriores e a suplantando o narcisismo e a idolatria do prazer e da eterna juventude – tão propalados na cultura atual.

Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp

Editor

Twitter: @VidaPastoral

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor Pe. Zolferino Tonon
Editor Pe. Jakson F. de Alencar – MTB MG08279JP
Conselho editorial Pe. Zolferino Tonon, Pe. Darci Luiz Marin, Pe. Vaidêz Dall'Agnese, Pe. Paulo Bazaglia, Pe. Jakson F. de Alencar, Pe. Manoel Quinta
Ilustração da capa Luís Henrique Alves Pinto
riquelhap@yahoo.com.br
Editoração agwm produções editoriais

Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP

Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 1809-2071
vidapastoral@paulus.com.br
www.paulus.com.br
www.paulinos.org.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista Vida Pastoral é distribuída gratuitamente pela Paulus editora às paróquias e instituições cadastradas no Anuário Católico do Brasil. A revista também é distribuída gratuitamente (1 exemplar por pessoa) na rede de livrarias Paulus. Para a retirada de mais de um exemplar, solicita-se uma pequena contribuição por exemplar.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para as despesas postais. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:
E-mail: assinaturas@paulus.com.br
Tel.: (11) 3789-4000
Fax: (11) 3789-4004

Para a efetuação de assinaturas enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para: Revista Vida Pastoral – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:
Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7
Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP
Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE
Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA
Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG
Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF
SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP
Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS
Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS
Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT
Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR
Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC
Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
lorianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE
Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO
Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB
Praça Dom Adauto, S/N
Junto à Cúria – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG
Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM
Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN
Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS
Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE
Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP
Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ
Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA
Av. 7 de Setembro, 80
Rel. de S. Pedro
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP
Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA
Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP
Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES
Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA
Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

VITÓRIA – ES
Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



Dos jovens da Bíblia para os jovens de hoje

Celso Loraschi

Encontram-se na Bíblia rostos variados de juventude. Este artigo pretende resgatar alguns desses rostos que foram conservados na memória das comunidades de tradição judaico-cristã. Neles transparecem a realidade vivida pelo povo de Israel e da Igreja primitiva em seus diversos contextos históricos e a atuação significativa de tantos jovens ao longo da história da salvação.

Celso Loraschi, mestre em Teologia Dogmática com concentração em Estudos Bíblicos. Professor de Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos no Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC).
E-mail: loraschi@itesc.org.br.

A Bíblia é resultante da experiência de fé e vida de pessoas de todas as idades. Por ela constata-se que Deus tem um plano de amor universal. Nela encontra-se o protagonismo de muitas pessoas particularmente chamadas para missões específicas. Entre elas, há jovens de todas as condições sociais com testemunhos de fidelidade, de coragem, de sabedoria e de entrega amorosa ao projeto de Deus em favor da vida do povo. Há também jovens que preferem optar por projetos de morte. Há jovens profetas, juizes, reis, soldados, sábios, sacerdotes, artistas... Há jovens violentos, opressores, egoístas, zombadores e preconceituosos. Há jovens maltratados, injustiçados, perseguidos e assassinados. Há jovens indefesos e obrigados a servir aos interesses dos poderosos. Há jovens que resistem até a morte por fidelidade às suas convicções de fé... Enfim, encontram-se na Bíblia rostos variados de juventude. Através deste artigo pretende-se resgatar alguns destes rostos que foram conservados na memória das comunidades de tradição judaico-cristã.



Neles transparecem a realidade vivida pelo povo de Israel e da Igreja primitiva em seus diversos contextos históricos. Eles nos fazem refletir sobre a realidade na qual vivemos hoje e nos ajudam a discernir o caminho que devemos tomar como servidores do plano de Deus na promoção da fraternidade e da vida digna sem exclusão.

1. Deus se revela, chama e liberta

A partir do acontecimento do Êxodo, a Bíblia dá testemunho da presença amorosa de Deus no meio do povo sofredor, abrindo caminhos de libertação. Ele age através de homens e mulheres que ouvem a sua voz e seguem a sua vontade, como se constata logo no início da formação do povo de Israel, ao redor do ano 1250 a.C. Duas parteiras corajosas, Sefra e Fua, porque temeram a Deus, tiveram a força de desobedecer ao decreto do faraó do Egito e salvar as crianças geradas pelas escravas. Moisés foi salvo pela coragem e criatividade da mãe e da irmã dele, uma jovem muito dinâmica que não temeu riscos para colaborar na defesa da vida do seu irmão, de sua família e do seu povo. Foi também uma mulher jovem, filha do faraó, quem possibilitou a salvação da criança, compadecida pela sua situação, pagando a ama para sustentá-la sem saber que era a própria mãe do menino, adotando-o quando ele cresceu e dando-lhe o nome de Moisés.

Desde a sua juventude, Moisés mostrou-se indignado com a situação de opressão em que vivia o seu povo. No entanto, cometeu um grave erro quando quis fazer justiça com as próprias mãos, usando da violência, o mesmo método dos opressores. Fugiu do Egito e foi para a terra de Madiã, onde se casou com Séfora, com quem teve dois filhos, Gérson e Eliezer. Trabalhou como pastor até o dia em que Deus o chamou para animar a organização do povo escravizado tendo em vista a sua libertação. De pastor de ovelhas,

Moisés recebe a missão de pastorear o povo. Tudo isso está relatado nos primeiros capítulos do livro de Êxodo.

A caminhada pelo deserto rumo à terra prometida foi feita com a coragem juvenil. Na dureza do cotidiano de um deserto, exige-se muita fé e muita ousadia da parte dos animadores desse projeto de liberdade, de paz e de fraternidade. Exige-se, sobretudo, capacidade de trabalhar em equipe. Os diálogos, as assembleias, as orações e os cânticos se tornam fundamentais para manter vivo o entusiasmo pela conquista de uma terra sem males. Miriam, irmã de Moisés, manifesta sua liderança e coloca seus dons a serviço do povo em caminhada. Junto com as demais mulheres, dançando com tamborins, entoou: “Cantai ao Senhor, porque fez brilhar a sua glória, precipitou no mar cavalos e cavaleiros” (Ex 15,20-21). Ela é lembrada como profetisa, pois percebe, celebra e anuncia os sinais de libertação de Deus em favor do povo escravizado. Como aprendizes uns dos outros e dos acontecimentos, os caminhantes vão descobrindo, clareando e definindo o projeto de Deus: uma sociedade onde a economia seja baseada na partilha segundo a necessidade de cada pessoa (Ex 16,1-36); onde a política seja descentralizada e exercida na corresponsabilidade a partir das organizações de base (Ex 18,13-27); onde a religião seja garantidora de relações igualitárias e fraternas (Ex 20,1-21). Foi o projeto assumido pelas tribos ao chegar à terra prometida.

2. Um novo projeto

Coube a um jovem chamado Josué a missão de liderar o povo de Israel após a morte de Moisés. Com ele conclui-se a caminhada pelo deserto e inicia-se a organização das tribos na nova terra. A missão é desafiadora. Josué a assume na total confiança em Deus, que os tirou da escravidão no Egito. Aprendeu com Moisés a ser servo de Deus. Ser



jovem não é sinônimo de incapacidade. Colocou-se inteiramente a serviço da vida do povo. Eis o que Deus lhe promete: “Estarei contigo como estive com Moisés; não te deixarei nem te abandonarei. Sê firme e corajoso... Isto é uma ordem: sê firme e corajoso. Não te atemorizes, não tenhas medo, porque o Senhor está contigo em qualquer parte para onde fores” (Js 1,1-9). A Moisés, a Miriam, a Josué e a todos os que se dispõem a seguir o plano de Deus lhes são garantidas as graças necessárias para as missões que lhes são confiadas. A condição para todos é a fidelidade à vontade divina. De fato, Josué mantém-se firme na fé em Yahweh, conforme registrado no livro que leva o seu nome. Numa assembleia com as tribos de Israel, Josué dá seu testemunho de fidelidade: “Eu e minha casa serviremos o Senhor” (Js 24,15).

O projeto social assumido pelas tribos de Israel durou aproximadamente 150 anos (1200 a 1040 a.C.). Tinha por objetivo garantir as condições de vida digna para todas as famílias, clãs e tribos: um “povo de irmãos”, como definiram os autores do livro do Deuteronômio. E irmão nenhum pode ficar excluído dos bens necessários à vida digna (Dt 15,1-11). Organizado a partir da base, o povo era animado por lideranças “prudentes, tementes a Deus, íntegras e desinteressadas” (Ex 18,21). Foram denominadas de juízes ou juízas as pessoas que receberam a missão de manter a unidade das tribos e administrar a justiça social. O livro dos juízes registrou as façanhas de várias delas. São histórias escritas posteriormente aos acontecimentos históricos com base na memória popular. Entre elas, encontramos Débora. Além de juíza, é também lembrada como profetisa, título de honra dado para quem toma iniciativas em nome de Deus na defesa da vida do povo ameaçada pelos poderosos. Débora significa “abelha”. Com sagacidade, ela planeja as estratégias para vencer o inimigo que ameaça a vida de seu povo.

APURE SEU SENSO CRÍTICO!



Imagens meramente ilustrativas.

Ciências Sociais na atualidade

Tempo e perspectiva

Vera Chaia e Eliel Machado (orgs.)

O livro traz artigos para a compreensão clara e eficaz das Ciências Sociais.

Ciências Sociais na atualidade

Realidades e imaginários

Teresinha Bernardo e Paulo-Edgar Resende (orgs.)

Uma vasta gama de olhares, temas e linhas teóricas sobre as Ciências Sociais é o que o leitor encontrará nesta obra.

Compêndio de sociologia

Philippe Riutort

Este compêndio amplia a abordagem sociológica e facilita a percepção das ligações que a sociologia mantém com as outras disciplinas.

Vendas: (11) 3789-4000

0800-164011

SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL

paulus.com.br



PAULUS



Junto com Débora, outra mulher, chamada Jael, usa de sua esperteza com o mesmo objetivo: salvar a vida e a liberdade do povo de Israel (Jz 4-5). Os juízes e juízas possuem a consciência de serem guiados pelo espírito de Deus, com quem cultivam uma relação de total confiança. As dúvidas e fraquezas são superadas pela certeza da proteção divina. Nesse sentido, servem de inspiração para jovens e adultos de todas as épocas.

3. Um velho projeto

Devido aos problemas causados pelas ameaças externas e também devido à competição e à cobiça entre as próprias tribos, implantou-se em Israel o regime monárquico, em torno do ano 1000 a.C. O processo de transição foi permeado de conflitos. Vários grupos manifestaram resistência e oposição à nova proposta, na tentativa de manter a sociedade igualitária sob a corresponsabilidade de todo o povo. O último dos juízes, chamado Samuel, sofreu terrivelmente esse processo de transição do tribalismo para a monarquia. A narrativa de sua vocação (1Sm 3) ressalta o gradativo discernimento da missão para a qual é designado, até a sua plena adesão: “Fala, Senhor, que o teu servo escuta”. A vida de Samuel foi dedicada na defesa do projeto social de fidelidade à Aliança com Deus. Porém, Israel vai optar por outro caminho.

A Bíblia conta que os filhos de Samuel, Joel e Abias, não seguiram o exemplo do pai, mas “deixaram-se arrastar pela cobiça, recebendo suborno e violando o direito”. Há jovens que se deixam arrastar pela ilusão do poder e da fama. Essa situação de corrupção das lideranças foi um dos motivos para a implantação da monarquia, no intuito de imitar outros povos. Samuel entristeceu-se profundamente e “se pôs em oração diante do Senhor”, que não impõe sua vontade, mesmo quando está sendo rejeitado (1Sm 8,1-9).

De fato, a monarquia vai ser julgada como o maior dos pecados. Ela significou o rompimento da Aliança divina com graves consequências sociais. A terra, antes cultivada pelas tribos para o sustento de todas as famílias, agora é tomada pelo rei, que concentra para si todos os bens e controla a vida da população, muito parecido com o velho projeto do faraó do Egito. Os moços são recrutados para o exército e para o trabalho forçado; as moças são tomadas para tarefas diversas no palácio (1Sm 8,10-22). Enfim, o povo é escravizado dentro de sua própria terra por um de seus irmãos.

Encontram-se muitos textos na Bíblia que refletem a situação provocada pela monarquia. Buscam explicações para a realidade do mal nas pessoas e na sociedade. Apontam as suas origens: remontam ao tempo dos primeiros seres humanos representados por Adão e Eva. Eles quiseram “ser iguais a Deus”. Sua atitude significou um rompimento da relação harmoniosa com Deus, com a natureza e com o próximo (Gn 3). Também o relato mítico-simbólico dos jovens Caim e Abel retrata a relação conflituosa entre as diversas categorias sociais. A fraternidade é quebrada sob o domínio do egoísmo em suas diversas formas, tanto individuais como coletivas. A consequência será a opressão e a morte. Também o relato da vida de José, vendido pelos seus irmãos (Gn 37-50). A inveja e a ganância corrompem as relações sociais. A quebra da fraternidade lançou José nas mãos do poder dominante. Suas habilidades vão ser usadas para concentrar todos os bens nas mãos do faraó e possuir o controle da vida do povo (Gn 47,13-26). É o retrato do rei Salomão que solidificou o regime da monarquia com impressionante habilidade administrativa. Como podemos perceber, a experiência histórica do povo de Israel é contada e recontada muitas vezes e de diversos modos. Em muitas das narrativas, ressalta-se o protagonismo dos jovens.



Muitos reis, desde os dois primeiros, Saul e Davi, iniciam o seu governo ainda muito jovens. Alguns até como crianças. Salomão assumiu o reinado como adolescente, usurpando o direito de seu irmão mais velho, chamado Adonias, e mandou matá-lo (1Rs 1-3). Assim como Salomão, vários outros reis usam da astúcia e da violência para conquistar o poder. A maioria oprime o povo.

Davi, na memória popular, vai ser idealizado como o rei justo, defensor dos direitos dos pobres e muito corajoso desde a sua juventude. Foi ele que enfrentou o gigante Goliás com fé e inteligência, sem usar armaduras, na liberdade e com a agilidade de um pastor (1Sm 17). Davi é a figura que representa as aspirações do povo que é oprimido pela monarquia, mas portador do ideal social de justiça e de liberdade. Ele é citado por Jesus como um exemplo de quem prioriza e defende o direito das pessoas necessitadas (Lc 6,1-5).

4. Jovens e profecia

Os homens escolheram a monarquia, que se revelou como um regime muito mau para a maioria do povo. Surgem agora os movimentos proféticos. Numa postura clara, em nome de Deus, os profetas e profetisas denunciam a quebra da Aliança sagrada. A prova está na situação de injustiça social. Muitos profetas iniciam suas atividades ainda jovens. Isaías Primeiro é um exemplo. Inicialmente trabalhou para o rei, em Jerusalém. Era um dos seus conselheiros. Exerceu sua função por dinheiro e beneficiou-se dos privilégios de quem se junta aos poderosos. Falava e anunciava o que era agradável ao rei até o dia em que caiu em si e tomou consciência da situação enganosa em que se encontrava: “Ai de mim, estou perdido! Sou um homem de lábios impuros, vivo entre um povo de lábios impuros e, no entanto, meus olhos viram o rei, o Senhor dos exércitos” (Is 6,5). Quando Isaías teve essa experiência religiosa tinha aproximadamente 25 anos

Reflexões sobre os ministros ordenados e a missão dos fiéis.

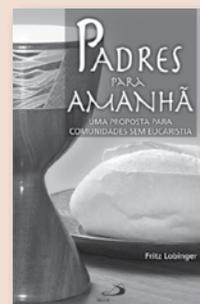


160 págs.

O diaconato permanente Perspectivas teológico-pastorais

Valter Mauricio Goedert

O presente livro trata da situação do diaconato permanente em seus vários aspectos: sua teologia, sua atuação e sua dinâmica pastoral.



208 págs.

Padres para amanhã Uma proposta para comunidades sem eucaristia

Dom Fritz Lobinger

O objetivo da obra é fazer as equipes de ministros celebrarem em plenitude o mistério da Eucaristia, a Palavra e a animação pastoral.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



de idade. Estava no templo em oração com a comunidade. Sentiu fortemente o chamado de Deus. Na narrativa de sua conversão, ele conta: “Ouvi então a voz do Senhor, que dizia: ‘Quem enviarei eu? E quem irá por nós?’. ‘Eis-me aqui’ – disse eu – ‘envia-me’” (Is 6). A partir daí, Isaías deixa de servir aos interesses do rei e dos poderosos e dedica-se à sua vocação profética, de forma corajosa e persistente. Suas denúncias dirigem-se aos juizes que agem por suborno, elaboram leis injustas e abandonam os marginalizados, como os órfãos e as viúvas. Denuncia também os grandes proprietários de terra, o rei, os príncipes, os chefes militares, os líderes religiosos, os impérios estrangeiros. Sua profecia está relatada nos capítulos 1-39 do livro de Isaías.

Jeremias é outro profeta chamado por Deus ainda muito jovem. Ele relata a sua vocação, dizendo que Deus lhe dirigiu sua palavra nestes termos: “‘Antes de formar-te no seio materno, eu já te conhecia; antes do teu nascimento, eu já te havia consagrado e te havia designado profeta das nações’. E eu respondi: ‘Ah! Senhor Yahweh, eu nem sei falar, pois que sou apenas uma criança’. Replicou, porém, o Senhor: ‘Não digas: ‘Sou apenas uma criança; porquanto irás procurar todos aqueles aos quais te enviar, e a eles dirás o que eu te ordenar. Não deverás temê-los porque estarei contigo...’” (Jr 1,4-8). Jeremias é um entusiasta da palavra de Deus. Ela arde como fogo em seu interior e conduz os seus passos. Ele proclama: “Vossa palavra constitui minha alegria e as delícias do meu coração” (Jr 15,16). Por causa de sua ação profética é perseguido, preso e entra várias vezes em crise, mas acaba cedendo à vontade de Deus: “Seduziste-me, Senhor, e eu me deixei seduzir” (20,1).

5. Jovens profetas no exílio

A monarquia israelita terminou com a tomada de Jerusalém em 587 a.C. pelo exército babilônico. De agora em diante, o povo de Israel ficará sob o domínio de impérios estrangeiros. Ezequiel exercia a função de sacerdote no templo em Jerusalém. Foi deportado para a Babilônia com menos de 30 anos de idade. No meio dos exilados, torna-se profeta. Numa visão, Deus apresentou-lhe um manuscrito enrolado (as palavras divinas), pediu

“Maria, ainda muito jovem, assumiu a proposta divina e aceitou ser sua serva acolhendo Jesus em seu seio, enfrentando com coragem os preconceitos da sociedade de sua época.”

que o comesse e fosse pregar ao povo rebelde sem temer suas atitudes. Suas palavras deviam ser transmitidas sem receio, quer dessem ouvidos ou não (Ez 2-3). Ele descreve a história desse povo rebelde (Israel) como a de uma jovem amada apaixonadamente por Deus desde o nascimento, mas que se tornou prostituta. Deus, porém, não a abandona, mas a corrige, perdoa-lhe e lhe proporciona uma nova vida (Ez 16).

Ezequiel é o profeta da esperança militante. Anuncia ao povo exilado que, mesmo parecendo ossos secos e dispersos, com a força do espírito de Deus pode readquirir nova dinâmica para a vida (Ez 37). Da sua organização emerge a energia transformadora. O povo abandonado pelos seus líderes terá a proteção do próprio Deus. Como bom pastor, Deus vai cuidar de suas ovelhas, curar as doentes, reunir as dispersas e garantir-lhe pastagem e vida em abundância (Ez 34). Ezequiel foi uma pessoa portadora de ânimo aos desanimados, de coragem aos que perderam a fé, de esperança aos desesperançados, de força aos enfraquecidos, de união e organização aos divididos e dispersos, como fazem muitos jovens de hoje engajados nas organizações e movimentos



populares, em pastorais sociais, nas comunidades eclesiais de base...

Outro profeta no exílio é o Isaías Segundo ou Dêutero-Isaías (Is 40-55): um apaixonado pela liberdade e pela vida digna de todos, inconformado com toda e qualquer atitude de injustiça. Faz ecoar a voz dos silenciados, dando atenção especial às suas aspirações e aos seus direitos. Sua paixão e utopia o levam a fazer uma experiência inédita de fé: Deus assume a dor do povo que sofre, envolve-o no seu amor terno e misericordioso e confia-lhe uma missão especial.

As reflexões de Dêutero-Isaías constituem-se numa nova teologia, distante da visão triunfalista própria dos poderes deste mundo. É a teologia do servo sofredor. Este servo é o povo exilado, tolhido em sua liberdade, disperso e anônimo no meio de estrangeiros. Deus o escolhe para ser seu servo amado e lhe dá a missão de ser luz para todos os povos: “Eis o meu servo que eu amparo, meu eleito ao qual dou toda a minha afeição, faço repousar sobre ele meu espírito, para que leve às nações a verdadeira religião... Eu te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão e te modelei, eu te pus como aliança do povo, como luz das nações, a fim de abrir os olhos dos cegos, a fim de soltar do cárcere os presos e da prisão os que habitam nas trevas” (Is 42,1-7). É nessa teologia do servo sofredor que Jesus de Nazaré vai pautar sua vida e fundamentar sua prática.

6. Jovens e sabedoria

O Exílio da Babilônia terminou em 538 a.C. O rei da Pérsia, Ciro, vencendo o império babilônico, promove a volta dos judeus à sua terra. Os repatriados têm o objetivo de reconstruir o templo em Jerusalém. Para isso, trazem capitais da Babilônia (Esd 1,1-11). Os persas dominaram até o ano 332 a.C., quando os gregos tomam a Palestina. No período do exílio, os que ficaram na terra de Judá, em

sua maioria agricultores, organizaram-se num estilo de vida modesto em suas pequenas propriedades até a volta dos exilados. Surge, então, forte conflito com relação à reconstrução do templo (Esd 4,1-5). A casta sacerdotal toma o poder religioso e impõe o sistema do puro e do impuro. O “povo da terra”, isto é, os que não foram para o exílio, agora são considerados impuros porque casaram com mulheres estrangeiras. Os sacerdotes e levitas que estão nessa situação são obrigados a mandar as suas mulheres embora (Esd 9-10). O sistema tributarista é implantado pelo governo persa. Reaparecem as classes sociais. Resurge a exploração dos trabalhadores obrigados a vender a sua força de trabalho. Os jovens são escravizados. Os pais reclamam: “Eis que foi preciso escravizar nossos filhos e filhas” (Ne 5,1-5). Aprofunda-se a injustiça e a violência diante da aparência de humildade manifestada nos cultos, jejuns e sacrifícios. A ideologia sacerdotal funciona de modo a controlar o cumprimento da lei em todas as suas minúcias. Diziam que a lei de Deus é a mesma lei do rei: quem não obedecesse devia pagar multa, ser preso, castigado, exilado e até pagar com a morte (Esd 7,26).

Nesse tempo surge o movimento profético de Isaías Terceiro ou Trito-Isaías (Is 56-66). Com extrema coragem, denuncia as atitudes orgulhosas das lideranças políticas e religiosas e anuncia o caminho da mudança social: a prática do direito e da justiça. Os líderes religiosos procuram incutir no povo a ideia de que ser justo é cumprir a lei. Dizem que a pessoa cumpridora da lei garante boas relações com Deus. O profeta, no entanto, insiste que as relações com Deus são determinadas pelas relações de amor para com o próximo. O que importa não é “ser justo” pelo caminho do legalismo e, sim, “fazer justiça”, garantindo as condições de vida digna para todos. Não adianta promover cultos e fazer jejuns. Deus não aceita sacrifícios oferecidos sem amor e sem a solidariedade com os po-



bres (Is 58). Isaías Terceiro anuncia que Deus vai criar um “novo céu e uma nova terra”. Para isso, porém, é necessário que se restabeleça a igualdade social. Os grandes e poderosos devem descer e colocar-se em pé de igualdade com o povo: “O lobo e o cordeiro pastarão juntos; o leão e o boi se alimentarão de palha” (65,17-25).

As maiores vítimas do sistema sacerdotal de pureza são as mulheres. Elas são consideradas impuras pela própria natureza e excluídas de todas as instâncias decisórias. As jovens não tinham nem o direito de escolher com quem casar. A teologia oficial atribuiu à mulher a culpa do pecado no mundo (Eclo 25,33). Deus, no entanto, não entra na ideologia dos dominantes. Suscitou o movimento sapiencial, com forte protagonismo das mulheres. Várias novelas bíblicas o revelam. Ester e Judite são jovens, lindas, inteligentes e sagazes. Tomam posição na defesa e promoção dos direitos do povo. Usam de estratégia para derrubar os poderosos de seus tronos confiando na força criativa de Deus, que jamais abandona os oprimidos. Rute, uma jovem estrangeira, solidariza-se com sua sogra Noemi e a acompanha para onde ela vai, assumindo seu povo, sua cultura e sua fé: “O teu povo é meu povo, o teu Deus é meu Deus” (Rt 1,16).

No livro de Cântico dos Cânticos, encontra-se a jovem Sulamita, apaixonada pela vida, pela natureza e, de modo particular, pelo seu amado. Ela se autoqualifica de negra e formosa. Denuncia a exploração por parte de seus irmãos, que a obrigam a trabalhar nas vinhas, sob o sol escaldante. A sua vinha, porém, é só dela. Os seus irmãos planejam o que irão fazer com ela quando vierem pedi-la em casamento, porém, não conseguirão o seu intento. Sua vinha é só dela, isto é, ela tem o poder de deci-

ção pessoal. O clima todo que perpassa o livro é de abraços sem conta, de carinhos, de prazer, de alegria, de festa, de êxtases. Mas também de ansiedades, tristezas, perigos, ameaças. É uma vida de encontros e desencontros onde ela e seu amado se aproximam e se distanciam, se revelam e se escondem, dialogam e silenciam, numa busca mútua e teimosa: a busca do verdadeiro rosto um do outro e do sentido profundo da relação que os une, para além de qualquer instituição político-religiosa. A jovem Sulamita não se conforma. Mulher autônoma e independente não descansa enquanto não vê seu sonho realizado. Deus precisa ser libertado das amarras do templo. A terra precisa ser libertada! É primavera! Toda a natureza é convocada a participar, com entu-

siasmo, do amor que vai crescendo e se fazendo pleno. Os animais se rejuvilam solidários. O ar se enche de aromas. A corporeidade humana se revela em sua nudez. Transparecem os encantos de cada parte do corpo, os seus mistérios mais profundos que constituem a originalidade do ser mu-

lher e do ser homem. Mistérios só revelados e experimentados por quem se entrega livre e conscientemente ao amor. E o amor é abrasador, é “fáisca de Deus” (Ct 8,6). Surpreendentemente, esse é o único momento em todo o livro em que aparece o nome de Deus.

Várias outras personagens jovens no contexto do pós-exílio poderiam ser evocadas, como Daniel, em cujo livro ao seu nome dedicado encontra-se o mais forte fundamento da fé na ressurreição da carne do Primeiro Testamento (12,1-4). O livro expressa a resistência popular frente à opressão exercida pelo rei grego Antíoco IV, ao redor do ano 170 a.C. A fidelidade ao Deus de Israel revela-se na atitude de três jovens judeus – Sidrac, Misac e

“É dentro de Deus que encontramos essa energia rejuvenescedora. Deus dá forças ao ser humano acabrunhado, redobra o vigor do fraco.”



Abdênago –, que não se dobram frente às ordens idolátricas do opressor. São jogados na fornalha ardente e poupados por Deus, em quem depositaram total confiança. Daniel, pelo mesmo motivo de fidelidade a Deus, mantendo-se íntegro no seu cargo administrativo, é injustamente acusado e lançado numa cova de leões. Deus o salva. Daniel é o modelo do jovem sábio, justo e incorruptível, conforme se constata no episódio de Susana, uma jovem recém-casada, prestes a ser condenada sem nenhuma culpa (Dn 13,1-64).

Nessa mesma linha de fidelidade, encontra-se a descrição emocionante do testemunho de uma mulher anônima, mãe de sete filhos, consolando-os e encorajando-os a fim de que permaneçam fiéis à tradição dos pais e resistam até a morte. Por fim, ela também entrega sua vida (2Mc 7). É a mulher-símbolo do povo fiel contra a implantação da cultura grega, que ameaçou de extinção as autênticas tradições de Israel. Como em Daniel, esse texto aprofunda a fé na ressurreição a partir do mesmo contexto de repressão. A fé na ressurreição se radicaliza na insurreição. É a esperança que sustenta os mártires no meio de provas muito duras: o Deus da vida, criador de todas as coisas e libertador de todos os males, é também aquele que ressuscita os mortos.

7. Jesus de Nazaré e outros jovens

Jesus, em sua infância e juventude, viveu com seus pais em Nazaré da Galileia. “Crescia em estatura, sabedoria e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52). Assumiu a vida comum dos jovens judeus de sua época. É precioso esse tempo da “vida oculta” de Jesus. O fato de o Filho de Deus assumir totalmente a condição humana revela que o cotidiano da vida de qualquer pessoa pode adquirir pleno sentido. Os mínimos gestos podem tornar-se caminho de santificação. Jesus foi santo não porque realizou grandes obras aos olhos

Anime e torne ainda mais eficaz a atividade missionária!



176 págs.

Por uma paróquia missionária À luz de Aparecida

Gelson Luiz Mikuszka

Para o papel evangelizador da Igreja alcançar cada mais êxito, foram reavivados neste livro alguns debates surgidos na Conferência de Aparecida.



104 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Pastoral da visitação Paróquia em estado permanente de missão

José Carlos Pereira

Ao apresentar estratégias concretas para as comunidades eclesiais, o autor oferece reflexões para a reestruturação das paróquias.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



PAULUS



dos outros, mas porque em todas as coisas fez a vontade do Pai.

Sua mãe Maria, ainda muito jovem, assumiu a proposta divina e aceitou ser sua serva acolhendo Jesus em seu seio, enfrentando com coragem os preconceitos da sociedade de sua época. E anunciou que a misericórdia divina se estende de geração em geração para todas as pessoas que o temem; anunciou que Deus dispersa os homens de coração orgulhoso, derruba do trono os poderosos e exalta os humildes (Lc 1,51-52). Não há dúvida de que Maria foi mãe e também mestra de seu filho Jesus. Também José, “homem justo”, transgredindo as leis oficiais de sua época, aceitou ser esposo de Maria e pai de Jesus. O filho de Deus nasceu e cresceu no meio de gente simples, trabalhadora e de profunda fé.

Desde o início de sua atividade pública, Jesus escolheu um grupo para acompanhá-lo em sua missão. Certamente vários membros desse grupo de seguidores eram jovens. Jesus trabalhou em equipe e ensinou o modo de viver segundo o projeto de Deus, superando todas as formas de egoísmo, de discriminação e de domínio de uns sobre outros. Especialmente, dedicou-se para libertar as pessoas dos espíritos que as impediam de ser livres para amar e serem amadas. Jesus não segue as leis que discriminam. Segue o único mandamento que sintetiza todas as leis: o amor a Deus e ao próximo.

Jesus chamou para segui-lo não somente os doze apóstolos. Chamou também o jovem rico que o procurou para saber o que deveria fazer para alcançar a vida eterna (Mt 19,16-22). Jesus gostou dele e percebeu que ele tinha condições de avançar no caminho da perfeição: “Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens, dá-os aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me!”. O jovem foi embora entristecido, pois era possuidor de muitos bens. De modo diferente agiram as mulheres, Maria Madalena, Joana, Susana e muitas outras. Mesmo sem serem convidadas explicitamente por Jesus, puse-

ram-se a segui-lo colocando seus bens a serviço de sua missão (Lc 3,1-3).

Há jovens também que crescem e se educam em ambientes que não proporcionam uma visão verdadeira de Deus e servem aos interesses dos dominantes. Um exemplo é a filha de Herodíades, mulher de Herodes. Para satisfazer o desejo de sua mãe, pede a morte do profeta João Batista (Mc 6,14-29). A Bíblia mostra que há dois caminhos: o da vida e o da morte. O caminho da vida por excelência identifica-se com a pessoa de Jesus de Nazaré, que veio não para ser servido, mas para servir e dar sua vida por amor.

8. Mais jovens no movimento de Jesus

O movimento de Jesus continuou após sua morte e ressurreição. Muitos jovens o seguiram, como Saulo de Tarso. De perseguidor dos cristãos transformou-se num dos mais corajosos evangelizadores na Igreja primitiva. Foi um exemplar seguidor de Jesus, a ponto de afirmar: “Não sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). Barnabé é outro exemplo para o seguimento de Jesus. Ele, “sendo proprietário de um campo, vendeu-o e trouxe o valor aos pés dos apóstolos”. Foi um grande companheiro de Paulo, ajudou-o a encontrar-se e dialogar com os apóstolos em Jerusalém (At 9,26-30) e participou da equipe missionária. Barnabé recebeu um belo elogio do autor do livro de Atos dos Apóstolos: “Era um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé”.

Um exemplo contrário ao de Barnabé foi retratado na história do casal Ananias e Safira (At 5,1-11). Venderam um campo, retiveram uma parte do valor e mentiram para a comunidade. Colocaram aos pés dos apóstolos dizendo que era todo o valor do campo. Devido à mentira, os dois, em momentos diferentes, caem mortos diante da palavra de Pedro. Essa história tem a intenção de mostrar que na comunidade cristã não podem ser admiti-



das atitudes de desonestidade e corrupção. Quem vai enterrar os corpos de Ananias e Sáfira são os jovens. Eles representam a novidade do Evangelho. Toda maldade deve ser imediatamente “enterrada” para preservar a proposta de Jesus de uma vida nova.

Outro jovem que se tornou um grande discípulo missionário de Jesus foi João Marcos. Sua mãe chamava-se Maria, animadora de uma comunidade cristã. Na sua casa, em Jerusalém, reunia-se uma igreja (At 12,12). Marcos (ou João Marcos) cresceu nesse ambiente de fé e de acolhida, orientado pelos conselhos e pelo exemplo de sua mãe. Era primo de Barnabé (Cl 4,10), e integrou-se na equipe missionária junto com Paulo e também acompanhou Pedro em Roma. Pedro o chama de “meu filho” (1Pd 5,13). A tradição atribui a esse jovem a autoria do Evangelho de Marcos.

Há muitos outros nomes de seguidores e seguidoras de Jesus que poderiam ser evocados. Ainda em Atos dos Apóstolos, encontramos a informação de que o diácono Filipe tinha quatro filhas solteiras que exerciam o ministério da profecia. Seguindo o caminho do pai, dedicavam-se à pregação do Evangelho (At 21,9). Timóteo é mais um animador de comunidades cristãs que não pode ser esquecido. Numa das cartas a ele dirigida, atribuída a Paulo, encontram-se estas instruções: “Ninguém te despreze por seres jovem. Ao contrário, torna-te modelo para os fiéis, no modo de falar e de viver, na caridade, na fé, na castidade. Aplica-te à leitura, à exortação, ao ensino...” (1Tm 4,12-13).

Que ninguém despreze os jovens de hoje. Para cada um, Deus tem um desígnio que precisa ser descoberto, acolhido e assumido com toda a convicção. “Os jovens são sensíveis a descobrir sua vocação, a ser amigos e discípulos de Cristo. São chamados a ser ‘sentinelas da manhã’ (João Paulo II), comprometendo-se na renovação do mundo à luz do Plano de Deus” (DAp 443).

A possibilidade de um horizonte de paz está em nossas mãos.



104 págs.

A teologia do Holocausto

Aries Fingerman

Pautado pelos acontecimentos do Holocausto, o autor examina as teologias judaica e cristã do Holocausto guiado pela pesquisa acadêmica que desenvolveu na Universidade de Tel Aviv, em Israel.



88 págs.

O diálogo das religiões

Andrés Torres Queiruga

A obra trata com clareza de um tema extremamente importante e delicado para a atualidade: o diálogo inter-religioso, fundamental para a construção da paz.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



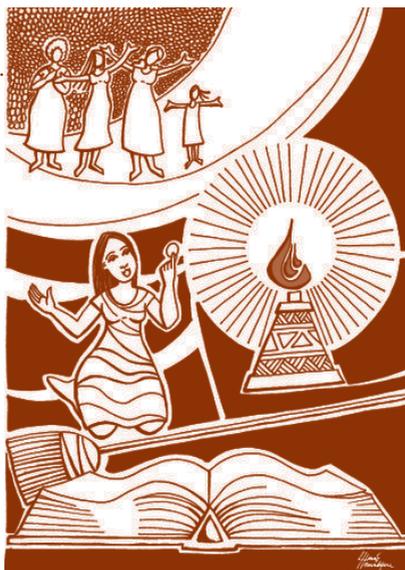
Consideração final

Neste artigo, procurou-se destacar algumas personagens, nem todas com a segurança de serem cronologicamente jovens, nos principais períodos históricos de Israel e da Igreja cristã primitiva. Ressaltou-se as que a Bíblia guardou como testemunhas edificantes da fé judaico-cristã, colaboradoras na defesa e promoção do projeto de Deus: de amor e de fraternidade no mundo. Muitas outras poderiam ser referenciadas. Deus age e realiza seu plano de salvação universal através,

sobretudo, de multidões de pessoas anônimas que, no cotidiano de suas vidas, o amam de todo o coração e se dedicam para o bem do próximo. Esse é o jeito jovem de ser. É dentro de Deus que encontramos essa energia rejuvenescedora. Deus “dá forças ao ser humano acabrunhado, redobra o vigor do fraco. Até os adolescentes podem esgotar-se, e jovens robustos podem cambalear, mas aqueles que contam com o Senhor renovam suas forças; ele dá-lhes asas de águia. Correm sem se cansar, vão para a frente sem se fatigar” (Is 40,29-31). ●

Bibliografia

- BORRILLE, E. *Bíblia e Juventude: Um encontro marcado! Crise-novidade, caminho para uma hermenêutica bíblica na ótica da juventude*. Monografia de Conclusão do Curso de Teologia. Florianópolis: Instituto Teológico de Santa Catarina, 2007.
- DICK, H. *Gritos silenciados, mas evidentes. Jovens construindo juventude na história*. São Paulo: Loyola, 2003.
- GALLAZZI, S. *Por uma terra sem mar, sem templo, sem lágrimas. Introdução a uma leitura militante da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MESTERS, C. “Juventude: vocação e compromisso à luz da Palavra de Deus”. *Curso de Verão – Ano XXI*. São Paulo: CESEP e Paulus, 2007, p. 87-171.
- SANTOS OLIVEIRA, E. dos. “As juventudes na Bíblia e na vida”. *Estudos Bíblicos*. Vol. 28, nº 110, abril-junho 2011. Petrópolis: Vozes, p. 9-27.



Para onde vai a juventude?

J. B. Libanio, sj

O artigo apresenta uma leitura das tendências que movem os jovens na pós-modernidade: no campo pessoal; na educação escolar/acadêmica; nas relações humanas; na cultura; trabalho; religião e política. Compreender melhor essas tendências ajudará os que trabalham com jovens a encontrar lucidez no próprio pensar e agir.

J. B. Libanio, sj, doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Há mais de três décadas vem se dedicando ao magistério e à pesquisa teológica. É vigário da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes em Vespaziano, na Grande Belo Horizonte-MG.
E-mail: jblibanio@faculdadejesuita.edu.br.

Estudar as tendências da juventude implica tríplice olhar.¹ Num primeiro momento, registra-se como ela se comportou em idos passados não muito remotos para não se perder em considerações distantes. Num segundo momento, observa-se como ela procede no presente. E, num terceiro momento, deixa-se ao leitor jovem comprovar, em sua vida, a verdade de tal análise e aos adultos a maneira como reagir positivamente em face dela.

1. Tendências pessoais

A medicina, a psicologia, a pedagogia têm constatado um deslocamento significativo no desenvolvimento físico, psíquico e espiritual dos jovens. Antes, o físico e o psíquico caminhavam a passo lento. Assim, não se percebia nenhuma dissonância. À medida

1. Tratei longamente das tendências da juventude nos dias de hoje em: *Para onde vai a juventude? Reflexões pastorais*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2012.



que cresciam fisicamente, sentiam-se maduros para as tarefas que se lhes surgiam. Assumiam com responsabilidade já na adolescência compromissos na família, na escola e até mesmo no trabalho precoce.

Um conjunto de fatores, desde a melhor alimentação, maior cuidado médico e fisioterapêutico com o corpo, ao lado de uma cultura que propõe a juventude como fase de vida a ser prolongada o máximo possível, tem-se observado, resultando em corpos vigorosos e fortes um psiquismo frágil com menor capacidade de responsabilidade.

Tal defasagem tem-se manifestado de maneira explícita no campo sexual. O desenvolvimento orgânico do corpo os faz varões ou mulheres precoces quanto às pulsões sexuais, mas despreparados para lidar com os desejos e as solicitações do ambiente. Antes, os jovens se preparavam lentamente para o amor, com reserva em face do sexo. O amadurecimento do corpo acompanhava o processo psicológico. Atualmente, os encontros afetivo-sexuais se fazem intensos e descomprometidos. Não raro, já no primeiro encontro, sem conhecimento entre si, sem nenhuma preparação humana, eles “ficam” até a relação sexual, sem perspectiva de continuidade.

A simples substituição da palavra namorar para “ficar” denota a mudança. Namorar implica relações que se constroem lenta e progressivamente. “Ficar” explode e termina logo. Daí a multiplicação dessas experiências com diferentes pessoas sem real envolvimento entre os parceiros.

A psicologia distingue na juventude dois dinamismos complementares em sã tensão. O dinamismo projetivo move o jovem a sonhar com o futuro. Ele imagina situações, não raro idealizadas, a ser vividas amanhã.

Elas lhes oferecem energia para suportar as agruras do presente. Durante o Governo Militar ditatorial no Brasil de 1964 a 1985, jovens arriscaram a vida e a perderam em lutas idealistas por um país sem repressão, livre, socialista (Betto, 1982; Gabeira, 1980; Syrkis, 1981; 1985). A dimensão projetiva manifestou-se em grau maior.

O dinamismo explorativo volta-se para o presente. Busca exauri-lo ao máximo. O futuro se esfuma. O idealismo cede lugar para a busca sôfrega de experiências momentâneas. No momento atual, predomina nos jovens a dimensão explorativa sobre a projetiva. Vivem mais do presente que do futuro. Cansaram-se e se desiludiram de causas pelas quais se empenharam ontem. As causas atuais gozam de menor força de atração. No campo católico, o idealismo se direciona aos novos movimentos eclesiais.

Ele não primam por ofertas de transformação social, mas por vida moral e religiosa de ações concretas e sem perspectiva de futuro.

O universo dos jovens situa-se diferentemente em face da tradição. A geração anterior conheceu líderes importantes que lhes ditavam palavras de ordem às quais davam adesão. Os mais velhos lhes serviam de referência. A tendência presente vai na direção oposta. Importa a própria experiência pessoal, autônoma até tocar as raias do narcisismo. Por isso, preocupam-se antes com momentos felizes, fugazes, sem preocupação com as consequências, em vez de ater-se à busca de felicidade sólida, permanente e comprovada pela experiência dos maiores.

Por prenderem-se menos às tradições, despojam-se com maior facilidade de preconceitos e tabus criados pelas gerações anteriores. Assim, assumem atitude tolerante

“O idealismo cede lugar para a busca sôfrega de experiências momentâneas.”



em face de comportamentos sexuais diferentes. Não temem aventurar-se por experiências-limites no campo sexual e de grupos de risco. Não poucos tentam incursões no mundo da droga e práticas sexuais divergentes, mesmo que não pensem tornar-se dependentes químicos ou praticantes de tal tipo de sexualidade. Veem tais comportamentos com naturalidade.

Ainda nesse campo da sexualidade, a postura machista com forte acento na distinção sexual e na supremacia do masculino cede lugar para o esmaecimento das diferenças sexuais e para a crescente autoconsciência da mulher.

No comportamento psicológico, há mudanças na transparência afetiva. A geração anterior se comportava de maneira recatada na expressão da própria intimidade, especialmente no que tocava à vida sexual. Não fazia facilmente confidências. A cultura pós-moderna produz profunda transformação. Torna facilmente públicos comportamentos estritamente pessoais. O programa *Big Brother*, tão badalado, significa a sua expressão escandalosa e extremada. Acrescente-se a entrada dos meios virtuais em que, ora protegidos por pseudônimo, ora sem a inibição do real, jovens expõem o corpo e as experiências de maneira provocante e sem recato. Está aqui um ponto que merece atenção e cuidado por parte de pais e educadores. Tal exposição despudorada tem gerado a banalização e futilização do próprio corpo, do sexo, de relações, por natureza, íntimas.

Esconde-se nesses comportamentos outra tendência forte nos tempos pós-modernos. J. Cl. Guillebaud (1999) definiu-a como “tirania do prazer”. Esquece-se a moderação necessária na vivência do prazer e embarca-se em crescente intensificação pela via das drogas e pela exacerbação de práticas sexuais. Considera-se tudo como algo normal, fácil e sem medos, nem fantasmas.

A partir das movimentações da década de 60, os jovens tomaram a palavra, na famosa expressão de M. de Certeau (1968). E agora não querem abrir mão dela. Não aceitam ser como os jovens de antanho, que ouviam muito e falavam pouco. Agora, pretendem ser ouvidos na família, na Igreja, na sociedade. Buscam espaços para participar, falar, dizer o que sentem e vivem. Sabem-se diferentes dos adultos. E não se intimidam diante deles. Pelo contrário, batalham por seus valores, visão de mundo, perspectivas existenciais. Agitam os espaços tranquilos.

2. Tendências na vida escolar e acadêmica

A Escola tradicional educava os alunos para aprender o que se ensinava. Fazia-se nítido corte entre o ensinar e o aprender. Do lado do professor, vinha o ensinar. Tocava aos estudantes aprender. Lentamente a pedagogia iniciou um processo de encurtar tais distâncias, valorizando cada vez mais a liberdade, a iniciativa, a criatividade dos alunos. Adentra-se na tendência da modernidade de valorização da autonomia, da subjetividade em contraste com a submissão à autoridade e às tradições dos maiores.

Mais diretamente sobre a educação, surgem correntes que, de diferentes pontos de vista, valorizam o sujeito. C. Rogers acentua as abordagens centradas na pessoa de caráter não diretivo (Rogers, 1970a; 1970b; Rogers e Kinget, 1969). Aposta no sujeito, no núcleo básico de cada pessoa humana. Entende o educador como quem, pela via da empatia, pela compreensão, pela capacidade de perceber o outro nele mesmo e amá-lo, por relação de mútua confiança, leva o aluno a encontrar o próprio caminho, a resposta a seus problemas e a descobrir e atualizar o seu potencial de crescimento.

No Brasil, a pedagogia conscientizadora e libertadora de Paulo Freire reforça o valor do



sujeito que extrojeta o dominador que o habita para encontrar a si mesmo na sua dignidade e singularidade. Opõe-se à educação bancária pelo processo de conscientização (Freire, 1975, 1982).

A pedagogia de J. Piaget colabora também nessa linha de mostrar os estágios por que passam as crianças e de elas mesmas construir a si mesmas. Elas aprendem a partir do que são. Cabe aos professores aperfeiçoarem o processo de descoberta dos alunos.

Enfim, a Escola Nova se foi implantando, gerando nova geração de crianças, adolescentes e jovens (Wikipédia). Supera-se então a posição do professor que dita e do aluno que copia e repete. Fala-se de construção do conhecimento por parte do aluno, salientando a relação dialética entre o sujeito e objeto. Nenhum dos lados sozinho constrói o conhecimento. O construtivismo consagrou-se nesse campo (Nogueira, Pilão, 1998).

Nesse horizonte cultural, vive uma juventude que deixa para trás a pedagogia de aprender o ensinado para assumir posição crítica e cada vez menos interessada no simples aprendizado. Adquire-se o valor da autonomia, mas, sem dúvida, paga-se enorme preço de não assimilar riquezas da tradição. Impõe-se, portanto, a criação de pedagogia crítica dialética no sentido de olhar o ensinado sob o ângulo da positividade e da negatividade. O fato de passar conhecimentos feitos reflete a ambiguidade de todo ensino. Não valem eles pela força da autoridade e por si mesmos. Nisso a tendência atual mostra-se positiva em opor-se à educação bancária. No entanto, a tradição anterior comunica experiências acumuladas de valor, cuja rejeição, pelo simples fato de ser transmitida, se torna lastimável. A nova geração empobrece.

Nessa mesma direção, percebe-se a tendência de rejeitar toda disciplina da Escola, anterior ao aval dos alunos. A experiência de Summerhill quis visibilizar uma Escola em que os alunos decidissem totalmente

sobre o seu modo, ritmo, vida (Wikipédia b). Houve ganhos nessa tentativa, mas pulularam os desvios e exageros. Sem dúvida, caminha-se para maior participação dos alunos na configuração da vida acadêmica, sem cair no extremo de eles serem o principal e até mesmo único protagonista. O movimento vai mais na linha de aumentar o peso decisório dos alunos.

Entre inúmeros fatores que marcam a mudança no campo da formação intelectual, acadêmica, há deslocamento significativo referente ao tipo de leitura e de escrita. Tem-se manuseado menos os livros e romances clássicos das diversas literaturas, que outrora formavam a inteligência dos estudantes, para a crescente curiosidade de manipular o universo da informação. Vivemos afogados em excesso de dados fornecidos pelos programas de busca que abundam na Internet.

Com isso, passa-se de uma cultura em que se aprendiam a escrita e a fala estabelecidas para a nova escrita da Internet e modo juvenil de falar. Nota-se sensível mudança na linguagem escrita e falada da atual geração, influenciada pelos meios de comunicação. Trava-se discussão entre os pedagogos e linguistas. Uns aceitam essas transformações sem mais, apelando pela regra fundamental de uma língua ser viva e estar em contínuas transformações. Outros batalham pela conservação de cânones gramaticais. A realidade caminha na direção da gigantesca modificação das regras do falar e escrever.

3. Tendências nas relações humanas

Na família

Ao entrar no universo das relações na família, desloca-se da família estruturada em que os filhos se encontravam normalmente com os pais para a em que apenas se relacionam. Pois ela sofre da ausência dos membros em atitudes múltiplas e diversificadas, da fragmentação, da dissolução dos

laços familiares, de recasamentos, cujos filhos oscilam onde morar. Nas famílias em que a relação familiar se mantém, a mudança acontece na postura dos filhos em relação aos pais. Em lugar da antiga distância e respeito reverencial, vivencia-se relacionamento mais próximo de “amigão”. Assim, os papéis de pai e filhos, antes bem definidos, agora se confundem.

O desejo de autonomia e independência dos filhos, manifestado no deixar a casa paterna no início da maturidade, mantendo, porém, vínculos de fato, cede lugar para uma vida autônoma, sem vínculos. No entanto, eles prolongam a permanência física na casa dos pais, retardando constituir família, sem por isso deixar de manter relações afetivo-sexuais com um(a) companheiro(a).

Perdeu-se a concepção romântica do matrimônio para a compreensão realista e pragmática. Cresce o número daqueles jovens que evitam filhos para não se sentirem cerceados na liberdade para se dedicarem ao estudo, a viagens e a experiências prazerosas.

Trabalho e colegas

Quanto ao futuro profissional, assiste-se à passagem tranquila e normal de uma sociedade, escola e casa que asseguravam a disciplina e que ofereciam inserção no mundo do trabalho para a sociedade anômala, sem lugar para os jovens, a gerar incerteza do futuro e trabalho cada vez mais problemático, mesmo para quem possui curso superior.

Antes predominava convivialidade ampla com os colegas e surge a busca de grupos e tribos afins. Os encontros reais cedem espaço para o crescimento das relações virtuais por meio da Internet, *e-mail*, *blogs*, *fotologs*, Orkut, MSN, Skype, *webcam*, YouTube, Twitter, Facebook, torpedos, celular etc. Convivem no mesmo espaço e tempo, em vez de única idade cultural, companheiros de várias idades culturais sob o impacto da globalização massificante.



O caminhar da Igreja
pelo olhar de um
experiente teólogo.



296 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A IGREJA TEM SALVAÇÃO?

Hans Küng

O experiente teólogo Hans Küng analisa o passado, o presente e o futuro da Igreja ao abordar assuntos relacionados com ela, como o Concílio Vaticano II, a Reforma Protestante e demais temas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





4. Tendências no mundo cultural

Ainda mais significativas se mostram as tendências culturais. A consciência ética, histórica e utópica das gerações da década de 60 esmaece em prol da acentuação extremada do presente. Os sonhos de futuro se desfazem em nome do realismo de concentrar-se no prazer, cada vez mais intenso, das aventuras do momento.

Tendência semelhante manifesta-se no campo da verdade. Influencia os jovens o movimento atual de substituir a verdade pela beleza, pela estética. O bonito vale mais do que o verdadeiro. Oculta-se facilmente a verdade sob a aparência do belo. Com isso, também, as certezas perdem importância com a relativização das verdades. Interessa mais ao jovem o que ele acha de alguma coisa do que o que essa coisa é por ela mesma.

Em parte, tal nova maneira de pensar se origina de posturas que os jovens adquirem em face das tradições, quer mantidas pelas instituições, quer transmitidas pelos mais velhos. Relativizam-nas em nome da própria maneira de vê-las, conhecê-las e senti-las. Afeta tal comportamento o fato de a juventude de hoje, diferentemente da de antes, perder o sentido de normatividade da natureza, substituindo-a pela tecnologia.

O mundo cultural atual tem produzido outras tendências nos jovens. Em vez de se alimentarem da cultura tradicional ocidental, fortemente marcada pela dualidade, predomina a busca de conciliação, unidade, tolerância até certo monismo oriental. Isso não impede, porém, algo paradoxal. A procura do pensamento unificante vindo do Oriente choca-se com o pesado sentimento de fragmentação que os afeta em todos os campos. Portanto, tendência quase contraditória do sonho de um Todo harmônico e a experiência de uma realidade feita aos cacos.

Perde-se a estabilidade que os tempos antigos permitiam. Entra-se em vida agita-

da a provocar aventuras esporádicas no tríplice campo do sexo, da violência e da droga até as raias do crime.

Indo mais fundo na cultura, percebe-se a mudança na concepção de tempo e de lazer, antes ligada à natureza, para crescente ocupação do tempo especialmente pela presença das ofertas lúdicas da eletrônica. O próprio esporte tem adquirido formas crescentemente competitivas.

Enfim, assistimos à substituição dos silêncios e dos sons da natureza pela crescente e permanente presença de músicas barulhentas e ruidosas, potencializadas pelos recursos eletrônicos.

5. Tendências no mundo religioso

Na experiência religiosa, a tendência se manifesta paradoxalmente no processo de secularização com jovens cada vez mais alheios à esfera religiosa ou em busca sôfrega de formas religiosas, gestadas no próprio Brasil – Santo Daime, União do Vegetal e outras – ou vindas do Oriente, sem falar do neopentecostalismo evangélico, das expressões carismáticas católicas. Parece diminuir claramente o jovem tradicionalmente católico. Assim, a religião institucional cede lugar para práticas religiosas selecionadas conforme a necessidade e o gosto do momento.

Essa tendência repercute no gosto musical dos jovens. Afastam-se da música tradicional religiosa para assumir novos ritmos. Tanto no espaço católico como evangélico, toca-se e canta-se o Gospel, cuja raiz se encontra na música cristã negra dos EUA. Por meio dela, se expressa a fé individual e a comunitária.

Quer sob a forma secular ou neorreligiosa, a concepção tradicional de Transcendência, percebida em sua consistência distinta de nós, esfuma-se em insinuante imanentização. Perde-se na interioridade das pessoas ou no cosmos a partir de mística ecológica panteísta.



Destarte, a espiritualidade vivida de maneira constante, sólida, lenta e estruturada transforma-se em algo fulgurante, explosivo, breve, de curto prazo, que prefere satisfazer a afetividade a oferecer alimento para o crescimento na fé.

Tal deslocamento espiritual modifica a consciência de culpa, de pecado. A juventude presente se sente cada vez menos marcada por ela. Fala-se até mesmo de certa “nova inocência” que se manifesta em achar tudo tão natural que a ideia de transgressão, de infração, desapparece. Esbarra-se num “vale-tudo”.

Quanto à participação ativa e comprometida na Igreja, assistimos à passagem da pastoral da juventude de Ação Católica, de grupos em estilo de Cursilho, para a pastoral no interior dos novos movimentos religiosos e de momentos quentes. A Igreja, que nos tempos de Ação Católica oferecia aos jovens lugar próprio, sofre, no momento, certa hesitação e indefinição, sem propostas para eles. Encara o desafio de responder à atual pluralidade de expectativas.

6. Tendências na sociedade e política

No campo da política, desloca-se da sociedade rural e industrial com horizontes mais ou menos estáveis para a sociedade do conhecimento altamente móvel, flexível. Os jovens se surpreendem, de um lado, provocados a assumir cada vez maiores compromissos e, de outro, percebem que os canais de participação se lhes fecham.

A sociedade moderna está para ser profundamente questionada pela nova geração. Em face dela, os adultos buscam frear-lhe o ímpeto transformador que atingira ponto alto nas revoltas de 1968. Em certo momen-

to, usaram-se os recursos da repressão militar violenta. Hoje, intentam envolvê-la em crescente aburguesamento pela força do consumismo e da sutil penetração dos meios de comunicação social. Manipulando os centros do poder, eles têm domesticado imperceptivelmente os jovens, aprisionando-os na busca fácil do prazer, da festa, das aventuras sem cunho político.

Então, tem-se visto que a juventude em grande parte tem remetido para segundo plano a consciência crítica em face da realidade social e que desposa os valores da competência, do sucesso no mercado de trabalho.

Assim, caminha-se de uma juventude consciente e fortemente politizada para uma que assume compromissos esporádicos e, sobretudo, eventos

festivos. A maneira despreocupada com a aparência exterior, especialmente dos rapazes, mas também de moças engajadas politicamente, converte-se no cultivo do corpo e da beleza externa. A juventude vinculada a ideais se faz pragmática com ausência de práxis e de história.

Aquela juventude que viveu a glória dos EUA com a vitória da 2ª Guerra Mundial e considerou-os Meca da democracia, desenvolveu, em dado momento, antiamericanismo militante, com *slogans* como “*Yankees, go home!*” (“Americanos, voltem para casa!”). Agora, porém, por razão da poderosa influência americana pela mídia, os jovens assimilam cada vez mais a cultura americana, o seu *way of life*.

Conclusão

Aqui apontamos algumas tendências da juventude nos dias de hoje. Seguimos de perto o que tratamos no nosso livro citado

“Hoje intentam envolvê-la em crescente aburguesamento pela força do consumismo e da sutil penetração dos meios de comunicação social.”



acima. Além de artigos, em três momentos, precepei-me com a pastoral da juventude em que estava parcialmente engajado. Num primeiro momento, tentei analisar os Encontros de Jovens que surgiram por ocasião da hegemonia do Movimento de Cursilhos (Libanio, 1983).

Já em tempos de pós-modernidade, detive-me em analisar a nova situação da pastoral da juventude (*ibid.*, 2004). As novidades da situação dominante impunham repensamento da presença junto aos jovens. Esse artigo visa diretamente a outro livro situado na mesma perspectiva da pós-modernidade, mas com a intenção de perceber as tendências que movem os jovens (*ibid.*, 2012).

Toda análise vale à medida que ela ilumina a realidade escolhida. Fica para o leitor, como escrevemos na introdução, a tarefa de verificar até onde o estudo presente lhe ilumina a realidade da juventude de hoje. A perspectiva escolhida situa-se dentro da pastoral, isto é, do agir da Igreja em relação à juventude. Os outros conhecimentos das ciências humanas contribuem para melhor entender o jovem de hoje, sem nenhuma pretensão epistemológica própria de cada uma das ciências. Aqui eles entram no espírito da interdisciplinaridade, sem ares de especialização. As reflexões sobre “Para onde vai a Juventude” cumpram sua finalidade, se elas ajudam os jovens e os que com eles trabalham a encontrarem lucidez no próprio pensar e agir. ●

Bibliografia

- BETTO, F. *Batismo de sangue: Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- CERTEAU, M. *La prise de parole: Pour une nouvelle culture*. Bruges: Desclée de Brouwer, 1968.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- . *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- GABEIRA, F. *O que é isso, companheiro?* Rio de Janeiro: Codecri, 1980.
- GUILLEBAUD, J.-C. *A tirania do prazer*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- LIBANIO, J. B. *Jovens em tempos de pós-modernidade: Considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004.
- . *O mundo dos jovens: Reflexões teológico-pastorais sobre os movimentos de juventude da Igreja*. São Paulo: Loyola, 1983.
- . *Para onde vai a juventude? Reflexões pastorais*. São Paulo: Paulus, 2012.
- NOGUEIRA, E. J.; PILAO, J. M. *O construtivismo*. São Paulo: Loyola, 1998.
- ROGERS, C. R. *La “terapia centrada-sul-cliente”: teoria e ricerca*. Firenze: G. Martinelli, 1970a.
- . *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Moraes, 1970b.
- ROGERS, C.; KINGET, G. M. *Psychothérapie et relations humaines: Théorie et pratique de la thérapie non directive*. Louvain: Publications Universitaires, 1969.
- SYRKIS, A. “Os carbonários”: *memórias da guerrilha perdida*. São Paulo: Global, 1981.
- . *Brasil: Nunca mais*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- WIKIPEDIA. *Escola Nova*. Disponível em: wikipedia.org/wiki/Escola_Nova. Acesso em 10 de abril de 2012a.
- . *Summerhill*. Disponível em: wikipedia.org/wiki/Summerhill_School. Acesso em 10 de abril de 2012b.



Juventudes e contemporaneidade

Flávio Munhoz Sofiati

O artigo analisa a juventude brasileira sob o ponto de vista da organização e da participação na sociedade. Em uma realidade de desarticulação, os poucos espaços remanescentes de organização juvenil são algumas instituições religiosas, em particular expressões carismáticas e pentecostais.

A proposta deste artigo é debater a questão da ação social juvenil no Brasil, considerando sua perspectiva de mobilização social, política, cultural e religiosa. Para isso, é preciso recorrer à história em vista de construir um panorama para compreender como se transformou o modo de organização das juventudes ao longo do século XX e início do século XXI. Além disso, é importante discutir alguns conceitos que ajudam a entender a temática dos jovens, principalmente os elementos que possibilitam analisar sua realidade na contemporaneidade.

O termo “juventude” é empregado no artigo em referência específica à organização dos jovens enquanto categoria social em formas de agrupamentos. É importante ressaltar de início que uma pequena minoria tem se articulado hoje em dia, visto que a imensa maioria (aproximadamente 85%) do segmento juvenil não se constitui enquanto juventude, ou seja, se encontra totalmente desorganizada, muitas vezes desorientada e quase sempre destituída de seus direitos fundamentais.

.....
Flávio Munhoz Sofiati, professor adjunto de Sociologia da Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais. Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo e autor dos livros *Religião e juventude: Os novos carismáticos* (Idéias & Letras/FAPESP) e *Juventude Católica: o novo discurso da Teologia da Libertação* (EDUFSCar / CAJU).
E-mail: sofiati@gmail.com.



Além disso, tem-se a tese de que o jovem se configura como elemento de *elo* e *transição* no interior de uma sociedade, visto que os aspectos principais e definidores do conceito estão contidos na ideia da juventude ser ao mesmo tempo “uma fase da vida, uma força social renovadora e um estilo de existência” (FORACCHI, 1965, p. 302).

Para Janice T. Sousa (2006, p. 10), “Ser jovem é viver um ‘contato original’ com a herança social e cultural, constituindo-se não apenas por uma mudança social, mas por fatores biológicos”. Esse segmento social que participa da sociedade estabelecida, todavia, produz novas interpretações e, conseqüentemente, gera novas formas de ação social.

Para entender esse processo, faz-se necessário inserir a abordagem apresentada nos marcos dos estudos que tratam da temática da juventude “pensando nos termos da existência de uma cultura juvenil com os paradoxos de integração e diferenciação” (Sallas, 2006, p. 49). Pois se leva em consideração a multiplicidade de formas de sociabilidade existentes na vida cotidiana dos jovens, marcadas por relações grupais – na escola, igreja e família – e nos agrupamentos especificamente juvenis – *hip-hop* e *punks*, por exemplo.

1. Identidades juvenis

Para entender as identidades dos jovens brasileiros, é importante de antemão usarmos alguns elementos conceituais significativos que são apresentados no livro *Religião e Juventude: Os novos carismáticos* (Sofiaty, 2011).

A referência inicial para a definição do termo *juventude* é a obra da professora Maria-lice M. Foracchi, que trata da questão dos estudantes e da relação juvenil com a modernidade. Para ela, cada sociedade constitui o

jovem à sua própria imagem. A autora argumenta ainda que a definição do conjunto dos jovens enquanto categoria histórico-social ocorre no momento em que este se afirma como movimento de juventude, pois a noção de juventude é uma criação da própria sociedade moderna. Por isso, é necessário entender a juventude para entender as diversas características dessa sociedade, já que ela compõe o processo histórico-social de construção da modernidade.

Como afirma Maria H. O. Augusto (2005, p. 20), “A mobilização dos recursos e das potencialidades que possui depende diretamente das alternativas

abertas aos jovens por sua inserção social, pelas posições que ocupam, pelos caminhos oferecidos para sua trajetória”. Dessa maneira, a juventude corresponderia ao momento de descoberta da vida e da história. Sua participação nas esferas sociais depende da capacidade de inclusão e do modo como os adultos, os estabelecidos, reagem aos novos modos de ação apresentados pelos jovens.

A obra de Foracchi é um clássico nos estudos sobre juventude, pois se mantém central para a discussão atual do tema. “Sua reflexão permanece viva e traz contribuições para o campo de conhecimento que tratou” (Augusto, 2005, p. 12). A definição do termo *juventude* como categoria social é constituída no trabalho de Foracchi a partir de três aspectos: a) o desenvolvimento de relações interpessoais; b) a presença de manifestações vinculadas à situação de classe; c) e a referência aos processos de transformação da sociedade. Augusto (2005, p. 13) argumenta que a articulação desses três níveis permitiu a equação abrangente do processo de construção da categoria juventude.

Na mesma direção dessas autoras, Luis A. Groppo (2000, p. 18) defende que a própria

“Cada sociedade constitui o jovem à sua própria imagem.”



“criação das juventudes é um dos fundamentos da modernidade”. Nessa afirmação, o autor também defende a ideia de que não podemos trabalhar com um único conceito de juventude, mas com o termo *juventudes* para compreender a multiplicidade de condições juvenis presentes na sociedade brasileira. Há uma pluralidade de juventudes definidas a partir de grupos sociais concretos que possuem um recorte sociocultural de classe social, estrato, etnia, religião, gênero, região, mundo urbano e rural, sendo que várias juventudes convivem em um mesmo tempo e espaço social, havendo também diferenças entre os jovens que vivem numa mesma sociedade.

Na perspectiva de Karl Mannheim (1967, p. 52), há um potencial de mudança inerente na juventude em consequência da originalidade apresentada por uma “geração nova”. A juventude possui essa potencialidade revitalizadora pelo fato de não estar completamente envolvida no *status quo* da ordem social, visto que “o fato relevante é que a juventude chega aos conflitos de nossa sociedade moderna vinda de fora. E é esse fato que faz da juventude a pioneira predestinada de qualquer mudança da sociedade”. Por esse motivo, a juventude se torna apta a simpatizar com movimentos políticos, sociais, culturais e religiosos que estão insatisfeitos ou questionam o estado de coisas existentes.

No entanto, essa força transformadora, esse elemento dinâmico, é portador de mudanças tanto progressistas como conservadoras. Como exemplo, tem-se respectivamente a juventude estudantil francesa dos anos 1960 e a juventude alemã nazista dos anos 1940. Para Mannheim (1967, p. 51), a “juventude não é progressista nem conservadora por natureza, porém, é uma potencialidade pronta para qualquer nova oportunidade”. Também nessa direção, Foracchi (1965, p. 303) aponta que “juventude e história são

A figura do Pai inspira reflexões e também muita poesia!



160 págs.

Pai nosso Meditações

Rubem Alves

Sem dúvida um dos mais importantes teólogos de nosso tempo, Rubem Alves assimilou as diversas correntes teológicas de nosso século, dando à figura do Pai um belo enfoque poético-teológico.



80 págs.

Creio na ressurreição do corpo Meditações

Rubem Alves

Rubem Alves escreve estas meditações como celebrações da ressurreição, procurando encontrar Deus na realidade do corpo.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



entidades que se confundem enquanto manifestação do novo”.

O significado da juventude na sociedade moderna muda conforme o contexto histórico, pois sua formação é definida e concretizada a partir daquilo que se espera dessa categoria social. Por isso Mannheim afirma (1967, p. 49) que “A juventude pertence aos recursos latentes de que toda sociedade dispõe e de cuja mobilização depende sua vitalidade”. Dessa forma, “as sociedades dinâmicas utilizam as potencialidades da juventude para produzir transformações”. No entanto, essa potencialidade só se transforma em função social quando há um processo de integração desses agentes revitalizadores. Para Mannheim, essa situação de agente estranho é apenas uma potencialidade que pode ser suprimida ou mobilizada conforme “influências orientadoras e diretoras vindas de fora”. Dessa forma, o contexto histórico e o processo de formação pelo qual passa a juventude são fatores decisivos na definição de sua postura diante da sociedade.

A partir dessas definições, podemos afirmar que, sociologicamente, os jovens são uma categoria que está majoritariamente à margem da sociedade em conjunto com as classes oprimidas, os intelectuais independentes etc. Paul Singer (2005, p. 27) trabalha com a ideia de juventude como “pessoas que estão numa mesma faixa etária” (entre 15 e 24 anos), vivenciando a realidade em “estágios vitais semelhantes”. Ele constata que os jovens de hoje nasceram em tempos de crise social. Também é importante ressaltar que “o jovem e seu comportamento mudam de acordo com a classe social, o grupo étnico, a nacionalidade, o gênero, o contexto histórico, nacional e regional etc.” (Gropo, 2000, p. 10).

Diante do exposto, é preciso apresentar um panorama da juventude no Brasil do século XX em suas mais variadas tendências e

posturas, mostrando como, na contemporaneidade, os grupos religiosos e culturais se transformaram nos principais focos de atração desse segmento social.

2. As juventudes ao longo da história

Para pensar o tema, temos que fazer um resgate histórico da organização dos jovens no Brasil. O referencial principal para isso será o artigo intitulado “A juventude no Brasil: História e organização” (Sofiat, 2008).

As primeiras experiências de organização dos jovens no Brasil ocorreram sob a égide do movimento abolicionista no século XIX. Os jovens abolicionistas abriram as portas para a ação juvenil, tendo uma atuação radical em defesa dos escravos e organizando inclusive fugas em massa. O jovem Joaquim Nabuco foi uma das principais referências políticas desse movimento, que teve papel decisivo no processo que possibilitou a proclamação da República.

Nos anos 1920, três grandes movimentos de expressão da consciência política dos jovens foram inaugurados: o Movimento da Semana de Arte Moderna (1922), o Movimento Tenentista (1922) e o movimento político-partidário que deu origem ao PCB (1922). No livro de Augusto Caccia-Bava (2004, p. 64), há a afirmação de que “Os grupos de jovens se formaram em torno desses movimentos e foram protagonistas de novas ideias, novas concepções de nação e de Estado”.

Entre os anos 1930 e 1950, os jovens organizados possuíam como principal característica a solidariedade às classes menos favorecidas e tinham uma atuação política com um recorte de classe social, ou seja, uma atuação ligada ao movimento sindical. Havia também um protagonismo nos projetos unificadores da nacionalidade que tinha como principais movimentos a juventude integralista (1932), o início do movimento



estudantil com a fundação da UNE (1937) e o movimento religioso em torno da Ação Católica (1935).

Nos anos 1960, a juventude passou a se apresentar para a sociedade com maior ênfase por intermédio do movimento estudantil, com suas variadas tendências político-ideológicas, e da juventude católica, organizada na ACE. A Ação Católica Especializada era formada pelas juventudes da JAC (agrária), JEC (estudantil), JIC (independente – mulheres de classe média), JOC (operária) e JUC (universitária).

A professora Regina Novaes (2000) afirma que esses jovens, principalmente aqueles organizados em entidades partidárias e sindicais, na tentativa de uma aproximação com setores trabalhistas, apresentavam-se como iguais na relação com a classe trabalhadora, apesar da grande heterogeneidade dos agrupamentos juvenis. Os jovens do movimento estudantil eram provenientes majoritariamente da classe média urbana e questionavam os valores da cultura e da política. Nesse contexto, a influência estudantil era hegemônica e levava para o seu interior grande parte dos agrupamentos juvenis existentes, como, por exemplo, os jovens católicos da JUC (Juventude Universitária Católica).

Na década de 1970, em virtude da repressão da Ditadura Militar, há em seu início pouca movimentação da juventude. Prevalencia maior articulação no interior da Igreja Católica a partir dos “Movimentos de Encontro”, que possuíam cunho espiritualista e eram comprometidos com a resolução dos problemas psicoafetivos dos jovens. As outras juventudes que resistiram a esse processo, em sua maioria, atuavam nos movimentos clandestinos de luta armada e guerrilha.

Nos anos 1980, há o surgimento das *tribos urbanas*, que são retratadas por Abramo em seu livro *Cenas Juvenis*. A autora destaca o surgimento de agrupamentos de jovens presentes, principalmente, nas grandes cidades

Santo Agostinho: Um dos mais importantes e lidos Padres da Igreja.



544 págs.

Introdução ao estudo de Santo Agostinho

Étienne Gilson

Organizado em três partes principais e conclusão ampla, o livro perpassa pelos pontos cruciais do pensamento de Agostinho e permite ao leitor uma completa interação com sua doutrina.



272 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Agostinho sobre o mal

Gillian Evans

Esta publicação acompanha o progresso do estudo que Agostinho empreendeu sobre o mal, assunto responsável por suas influentes e necessárias ponderações.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



PAULUS



brasileiras, como, por exemplo, os *punks* e os *darks*. Nos anos 1980, houve o enfraquecimento do movimento estudantil, pois a “identidade estudantil não passava mais pela política, como ocorreu nos anos 60 e 70”, acarretando a despolitização desse movimento a partir dessa década (Cardoso, 1995, p. 26).

Portanto, a partir dos anos 1980 há o distanciamento da militância tradicional: a referência não era mais o partido e o sindicato, mas o movimento social específico. Nesse processo, os jovens passam a assumir novas formas e perspectivas de participação social e política. Os dois principais exemplos desse processo são o nascimento do Movimento Cultural Hip-Hop e a militância das Pastorais da Juventude do Brasil.

A conjuntura dos anos 1990 traz o perfil de uma “juventude que vive um tempo distante das grandes utopias transformadoras” (Sousa, 1999, p. 13). Os anos 1990 vêm comprovar a tese de que a juventude não é necessariamente portadora de utopias e projetos de transformação. “Intenções, utopias, projetos, rebeldias, transgressões são elementos concretos nas relações vividas por essa faixa etária, mas, isolados como comportamentos próprios dos jovens, não são explicativos das relações que envolvem a juventude” (Sousa, 1999, p. 25).

As subjetividades e as condições sociais dos jovens dos anos 1990 estão marcadas por condições diversas e distanciadas dos métodos de realização das utopias revolucionárias. A preservação da individualidade em detrimento de um controle social por parte do grupo é vista como legítima. “Fazer política, para esses jovens, não pode ser um ato que abafe a individualidade, pelo con-

trário, o coletivo deve incorporar a forma de ser de cada um” (Sousa, 1999, p. 194).

O jovem quer ser autônomo dentro do grupo e, ao mesmo tempo, vê o grupo como referência para o reconhecimento das ideias compartilhadas. A juventude dos anos 1990 é uma geração individualista: não “abre mão” dos seus desejos. Sendo assim, não “há causa coletiva que o arrebate para uma condição que tenha como limite rever sua autonomia individual” (Sousa, 1999, p. 200).

Entretanto, há de se destacar a presença dos *Carapintadas*, protagonistas do movimento de impedimento do exercício da presidência de Fernando Collor de Mello, e a juventude do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), considerado como um dos únicos movimentos sociais que resistiram ao estabelecimento do neoliberalismo no Brasil. Mas o que passa a predominar nesse período em

termos de organização juvenil são os movimentos culturais articulados em torno da música, do teatro e da dança.

Na opinião de Ruth Cardoso (1995, p. 27-28), não devemos comparar os jovens dos anos 1960 e 1970 com os jovens dos anos 1980 e 1990. Isso porque ambas as juventudes possuem modos diferentes de participação nos espaços de sociabilidade. Por exemplo, na opinião de Novaes (2000, p. 54), “Os jovens, através de atividades culturais e experimentos sociais, podem trazer para a agenda pública a questão dos sentimentos e contribuir para a mudança de mentalidade”. A autora vê como positiva a participação da juventude dos anos 1990 nos movimentos culturais e lúdicos. Por isso, “os conteúdos das ações coletivas dos jovens de hoje não significam nem retrocesso nem avanço, mas o que é possível historica-

“O jovem quer ser autônomo dentro do grupo e, ao mesmo tempo, vê o grupo como referência para o reconhecimento das ideias compartilhadas.”



mente sua geração ser portadora” (Sousa, 1999, p. 14).

Para entender as mudanças ocorridas no perfil da juventude nos últimos anos, é necessário observar as mudanças da própria sociedade brasileira, principalmente no que tange à questão educacional, trabalhista e política. Por isso, procura-se analisar esses diferentes temas na perspectiva juvenil. Assume-se o pressuposto de que os espaços privilegiados pela juventude para participação na sociedade se transformaram conforme o desenvolvimento histórico, sendo que nos anos 1960 e 1970 havia o predomínio do sindicato e movimento estudantil, nos anos 1980 dos movimentos sociais e nos anos 1990 os jovens atuam de forma diluída e fragmentada nos movimentos culturais e lúdicos.

Os jovens dos anos 2000 são socializados predominantemente nos movimentos religiosos, principalmente os carismáticos e pentecostais, em sua manifestação mais recente chamada de “terceira onda”. Porém, não se pode deixar de considerar que uma das resistências a essa tendência se consolidou em torno da juventude do Fórum Social Mundial, realizado no Brasil nos anos 2001, 2002, 2003 e 2005. A principal atividade desses jovens foi a organização de acampamentos para debates, eventos e encontros com o objetivo de reconstruir o movimento de juventude de cunho político e social.

No entanto, a juventude do FSM é uma exceção à regra, visto que os jovens de hoje se articulam prioritariamente no ambiente religioso. Os motivos dessa condição atual são explicados a seguir.

3. O novo modo de atuar dos jovens

Os jovens da atualidade mantêm as principais características dos jovens dos anos 1990. A novidade está na crescente adesão aos movimentos religiosos, principalmente às igrejas e correntes do pentecostalismo

REFLEXÕES SOBRE O SER HUMANO E A SUA ATUAÇÃO SOCIAL.

261 págs.



Imagens meramente ilustrativas.

Democracia racial, do discurso à realidade:

Caminhos para a superação das desigualdades sociorraciais brasileiras

Vinícius Rodrigues Vieira

Valiosa contribuição ao crescente debate sobre a natureza das relações raciais brasileiras e sobre como superar as desigualdades sociorraciais no País.

232 págs.



Sociologia e sociedade pós-industrial Uma introdução

Paulo Sérgio do Carmo

Este texto, simples e direto, convida o leitor a pensar a respeito das formas de se refletir sobre o ser humano e sua organização social.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





católico e evangélico. A religião se consolidou como uma das principais formas de organização grupal da juventude. Pesquisas apontam que em média 20% dos participantes dos grupos de oração da RCC e dos cultos das igrejas pentecostais são jovens (Prandi, 1998, p. 164). Além disso, diversas pesquisas, entre elas a *Pesquisa Perfil da Juventude Brasileira* (Abramo, 2005), evidenciam que os jovens são organizados principalmente pelas instituições religiosas.

Assim, é possível compreender a relação de causalidade que há entre a realidade social da juventude brasileira e sua adesão às igrejas e correntes do pentecostalismo. O panorama histórico apresentado, apesar de breve, mostra as afinidades de organização presentes nas diversas juventudes nos diferentes momentos históricos. A questão da religião é abordada aqui para descrever as afinidades eletivas existentes entre as características da juventude contemporânea e as igrejas de conteúdos predominantemente magicizados. A atual situação da educação e do trabalho aponta para um panorama de dificuldades sociais enfrentadas pelos jovens no país e desemboca na questão do distanciamento da ação política tradicional.

Enfim, ao analisar a perspectiva juvenil, é fundamental inserir a questão da necessidade de uma compreensão mais aprofundada dessa realidade no Brasil, mostrando como as instituições religiosas se tornaram importantes espaços de organização dos jovens.

Além disso, o processo histórico apresentado traz à tona a questão dos motivos que levaram os jovens a mudar seu perfil de organização. Em relação à Igreja Católica, por exemplo, é preciso entender os motivos que levaram os jovens católicos, que nos anos

1980 participavam ativamente das pastorais sociais e da juventude ligados à Teologia da Libertação, na atualidade a aderir em massa aos grupos de oração, comunidades de vida e aliança do movimento carismático católico.

Uma das respostas seria afirmar que nos anos 1970 e 1980 predominavam no país os movimentos sociais como referência para grande parte da juventude organizada. Nesse período, as pastorais da juventude tinham identificação e organização muito vinculada aos principais setores sociais da

esquerda brasileira. Nos anos 1990 e 2000, há o predomínio dos movimentos comunitários, cuja característica principal é “a afirmação pública de um conjunto de valores referentes a uma identidade particular e não mais a cidadania en-

quanto afirmação de direitos civis para todos”, predominante nos movimentos sociais (Aubrée, 1996, p. 77).

Nesse sentido, é “sobretudo no campo religioso que se deu a maior expressão desses ‘movimentos comunitários’ que em muito diferem dos ‘movimentos sociais’” (Aubrée, 1996, p. 78). Essa mudança de contexto influenciou no método e nas opções de organização dos jovens católicos, que passaram de uma organização predominantemente política, preocupada com a questão da cidadania (CEBs e pastorais, por exemplo), para uma organização comunitária voltada para a identidade e vida pessoal, presentes nas comunidades de vida e aliança e grupos de oração do movimento carismático católico.

Por fim, faz-se necessário afirmar que a procura do religioso na vida juvenil está diretamente relacionada com a busca da autonomia, com a construção da identidade parental (conflito familiar) e social (conflito com o mundo), além do desejo de experimentação

“A resposta dada pelas instituições cristãs tem sido insuficiente para resolver os principais desafios dos jovens.”



de novas sensações e de novas experiências. Esse contexto cria uma religiosidade juvenil diferenciada que pode ser retratada, por exemplo, no crescimento do movimento PHN (Por Hoje Não vou mais pecar), setor juvenil da comunidade carismática Canção Nova, como tendência predominante dessa realidade.

Considerações finais

O texto procura mostrar que a juventude brasileira teve diversas maneiras de se organizar ao longo do século XX e entrou no século XXI predominantemente articulada em torno das igrejas, principalmente evangélica e católica. Também fica evidente que o movimento cultural tem atraído uma parte significativa da juventude. No entanto, a realidade geral é de que há a desarticulação da grande maioria de jovens no país. Por isso, vislumbra-se uma cultura de não participação da juventude no contexto social brasileiro.

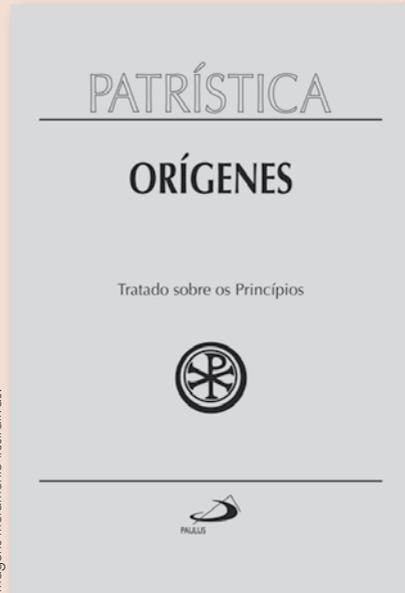
A não participação é fruto menos de desinteresse da juventude e mais da sua condição de exclusão. A maioria dos jovens no país é de família de baixa renda, que vive em condições precárias e destituída de condições mínimas para patrocinar a educação dos filhos. Portanto, a baixa participação política, da população em geral e dos jovens em particular, passa pelas precárias condições de vida existentes no Brasil.

A dívida social do Estado com a juventude é gigantesca. A educação pública não tem qualidade e é desinteressante, o mercado de trabalho não cresce o suficiente para gerar novos postos de trabalho e os bairros da periferia não possuem estrutura que garanta cultura e lazer para seus moradores.

Das poucas opções existentes para o segmento juvenil, as igrejas cristãs passam a ocupar um espaço significativo. E esse segmento social se aventura nas religiões em busca da reconstrução da identidade e do projeto de vida. Entretanto, a resposta

Conheça mais
este lançamento da
coleção Patrística!

336 págs.



Imagens meramente ilustrativas.

Tratado sobre os princípios (vol. 30)

Orígenes

Em vista de introduzir o leitor na compreensão de uma das principais obras de Orígenes, esta obra apresenta uma breve síntese biográfica e um resumo dos principais testemunhos da tradição textual.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



PAULUS



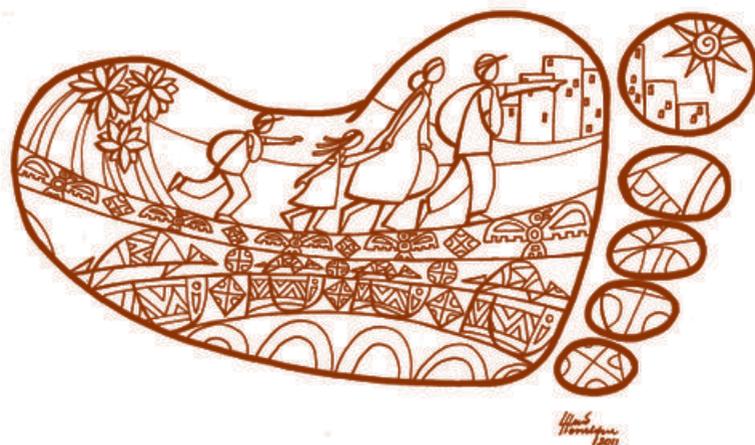
dada pelas instituições cristãs tem sido insuficiente para resolver os principais desafios dos jovens.

Dessa forma, finaliza-se com a constatação de que a situação da juventude brasilei-

ra apenas mudará com a ação articulada da sociedade civil e do Estado no sentido de integrar os jovens, aproveitando suas potencialidades e possibilitando que o novo surja a partir da ação social juvenil. ●

Bibliografia

- ABRAMO, H. W. *Cenas juvenis: Punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.
- ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- AUBRÉE, M. “Tempo, História e Nação (o curto-circuito dos pentecostais)”. *Religião e Sociedade*, n. 17 (1-2). Rio de Janeiro, 1996.
- AUGUSTO, M. H. O. “Retomada de um legado intelectual: Marialice Foracchi e a sociologia da juventude”. *Tempo Social*. Vol. 17, n. 2. São Paulo: USP, novembro, p. 11-33, 2005.
- CACCIA-BAVA, A. et al. *Jovens na América Latina*. São Paulo: Escrituras, 2004.
- CARDOSO, R.; SAMPAIO, H. *Bibliografia sobre a juventude*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- FORACCHI, M. M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- . *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Nacional, 1965.
- GROPPO, L. A. *Juventude: Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- MANNHEIM, K. *Diagnóstico de nosso tempo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- NOVAES, R. R. “Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política”. In: ABRAMO, H. W. et al. (orgs.). *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.
- . “Juventude, percepções e comportamentos: A religião faz a diferença?”. In: ABRAMO, H. W. (org.). *Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 267-270.
- SALLAS, A. L. F.; BEGA, M. T. S. “Por uma Sociologia da Juventude – releituras contemporâneas”. *Revista de Sociologia e Política*. Abril, vol. 5, n. 8. Florianópolis, 2006.
- SINGER, P. “A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social”. In: ABRAMO, H. W. (org.). *Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- SOFIATI, F. M. *Religião e juventude: Os novos carismáticos*. São Paulo: Idéias & Letras/FAPESP, 2011.
- . “A juventude no Brasil: história e organização”. *Passages de Paris*. Paris-FRA: APEB-Fr, p. 1-14, 2008.
- SOUSA, J. T. P. de. *Reinvenções da utopia: A militância política de jovens dos anos 90*. São Paulo: Hacker, 1999.
- . “A sociedade vista pelas gerações”. *Revista de Sociologia e Política*. Abril, vol. 5, n. 8. Florianópolis, 2006.



Juventude, desafio e enigma

Jorge Claudio Ribeiro

Reflexão sobre a desafeição dos jovens pela Igreja; seu relacionamento com o universo religioso; a necessidade de conhecer mais e a fundo a juventude para além do óbvio e da publicidade; comunicar-se e teologar não só para os jovens, mas com os jovens, seus anseios e necessidades sem a pretensão de simplesmente ensinar, mas também de aprender com eles.

Jorge Claudio Ribeiro, professor livre-docente na PUC-SP em Ciências da Religião, onde leciona desde 1976; com pós-doutorados pela universidade de Columbia, Unicamp e École des Hautes Études en Sciences Sociales, de Paris; mestre em Educação, doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP e atualmente cursa mestrado em Teologia pelo ITESP. Autor, dentre outros, do livro *Religiosidade Jovem* (Olho d'Água/Loyola).
E-mail: jorgeclaudio@olhodagua.com.br.

Os resultados referentes às religiões no Brasil, coletados no Censo 2010 e divulgados em junho de 2012, trazem lições que ainda levarão algum tempo para ser digeridas. Mas, desde já, alguns dados específicos interessam à discussão que proponho aqui: o catolicismo apresentou grande perda entre os jovens; hoje, há menos católicos de até 29 anos do que em 2000; as novas gerações estão mais afastadas das igrejas tradicionais; os evangélicos apresentam maiores percentuais entre cinco e 14 anos; o segmento dos sem religião cresceu na faixa de 15 a 19 anos.

Além dos jovens, o catolicismo teve grande perda entre as mulheres, que já não são sua maioria, embora o sejam nas demais religiões pesquisadas. Considerando-se que as mães são as primeiras formadoras da religião de seus filhos, e que a população católica tem maior contingente na faixa superior aos 40 anos, é de se prever no catolicismo uma perda ainda mais acelerada nos próximos anos, em decorrência da carência de formadoras ou do falecimento natural de seus fiéis.



Embora sejam necessárias interpretações mais acuradas em demografia da religião, os dados acima suscitam a hipótese de que conhecer e trabalhar com a juventude (garotas e rapazes) é um desafio *estratégico*, que supera a abordagem quantitativa e também as práticas da pastoral juvenil. Torna-se urgente uma transformação radical, que exige mudança de atitude, alocação de recursos e de pessoal, produção teológica de alto nível e novas relações de poder.

Os dados do Censo sugerem que talvez o arsenal midiático montado pela Igreja Católica, à imitação das igrejas pentecostais e em concorrência com elas, não tem sido suficiente para deter a sangria jovem em seu rebanho. Não se trata, pois, de ordenar mais e melhores padres cantores, de promover missas *ainda mais* carismáticas, superbaladas católicas (“Com Jesus, tudo é festa”), *hiper*-“cristotecas” ou megatempos *ainda mais mega*.

A questão de fundo é outra.

1. Comunicar, teologar

Um problema básico, parece-me, não está nos meios de comunicação, mas na qualidade dessa comunicação. Sabemos que a mensagem é construída tanto por quem a transmite como por quem a assimila e, portanto, a credibilidade e a confiança são condições *sine qua non* para se estabelecer uma relação comunicativa. Portanto, a credibilidade e a confiança precisam ser mútuas; no caso, entre a liderança católica e os jovens fiéis.

Com razão, o sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira aponta uma “desafeição religiosa” de jovens e adolescentes pela Igreja.¹ Uma das

fontes dessa desafeição não seria a falta de empenho, por parte da liderança eclesial, em perceber o que está acontecendo com a nova geração? Um possível afastamento mútuo não deixa de chamar a atenção, visto o catolicismo ter muita *expertise* junto à juventude, nas escolas, em grupos de catequese e de jovens e na Ação Católica. Quando e por que se teria rompido essa relação histórica?

“Talvez as gigantescas forças da propaganda que, sedutoramente, manipulam a juventude entendam mais do que as religiões sobre esse segmento.”

Superar tal afastamento exige que os líderes católicos primeiro conheçam sua juventude e, a seguir, tenham nova compreensão dela. Para tanto, não lhe faltam instrumentos, intenções e documentos.

Só para citar alguns: na

III Conferência Geral do Celam em Puebla, em 1979, os bispos latino-americanos proclamaram sua opção preferencial pelos pobres e pelos jovens; a partir de 1985, sob o papado de João Paulo II e de Bento XVI, foi realizado um total de 26 Jornadas Mundiais da Juventude;² a 45ª Assembleia Geral da CNBB, de 2007, promulgou o documento oficial “Evangelização da juventude: Desafios e perspectivas pastorais”, no qual define a juventude como um “lugar teológico” (n. 79) e se propõe a lhe oferecer “canais de participação” (n. 74).

A propósito, considerando-se que a Igreja conta com inumeráveis teólogos e teólogas dentro de um largo espectro, certamente não faltam condições para produzir uma Teologia da Juventude consistente e inspiradora. Até onde sei, falta massa crítica para tal disciplina. O que seria necessário para superar essa curiosa falta de uma teologia... sobre um “lugar teológico”?

1. Ver <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/511180>.

2. <http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wpcontent/uploads/downloads/2011/10/02Juventudeemissao.pdf>.



2. Conhecer

Uma condição prévia para compreender a juventude é evitar guiar-se apenas por representações oriundas do noticiário (em geral, trágico), da publicidade (em geral, idealizada) ou da experiência pessoal de cada um (não é porque eu já fui jovem, que conheço a juventude). Cada geração é inédita e é preciso detectar seus problemas e valores.

Trata-se de acionar a “mediação socioanalítica” proposta por Clodovis Boff (Boff, 1998; p. 283). Pesquisas em grande número – de origem científica, mas também mercadológica – vêm produzindo considerável massa de informações e reflexões de boa qualidade sobre a juventude, tanto a brasileira como a de outras sociedades. Esse material está disponível para quem quiser estudá-lo. Estudar a juventude é preciso!

Uma visão englobante sobre a juventude deve combinar a complexidade do real empírico (daí se falar em “juventudes”, no plural) com a generalização de molde científico. A partir daí, podem ser buscados elementos comuns a essa geração.

3. Ser

Nesse contexto, surge uma primeira pergunta: “O que, ou quem, são os jovens atuais?”. A resposta envolve tanto elementos etários (necessários para políticas públicas, por exemplo) como, e sobretudo, uma abordagem multidisciplinar e dinâmica, atenta para as diversidades e para as rápidas transformações que envolvem esse segmento.

Em estudo clássico, o historiador Eric Hobsbawm aponta três novidades na juventude atual do Ocidente (Hobsbawm, 2000, p. 292; p. 316). Primeiro, essa fase começou a ser vista como a realização do pleno desenvolvimento humano, deixando de ser encarada como um estágio preparatório para a vida adulta. Então, todo mundo

passou a querer ser jovem, e para sempre (“I wanna be forever young”, diz a música).

A segunda novidade é que as corporações produtoras de bens de consumo detectaram a juventude como importante faixa de mercado e a elegeram como elemento autoconsciente de seus desejos e necessidades: basta, então, ser jovem para ter razão. Articulado à mídia, o consumo conquistou autoridade e se impôs como padrão ético e indutor de disposições estéticas. As gigantescas forças da propaganda que sedutoramente manipulam a juventude talvez entendam mais do que as religiões sobre esse grupo.

A terceira novidade é o internacionalismo da cultura juvenil. A ruptura da nova geração com as anteriores e sua aclamação pelo mercado abriram um caminho para que a juventude elaborasse uma identidade globalizada e alicerçada na indústria da diversão. Essa indústria detecta necessidades e desejos vitais dos jovens para, em seguida, processá-los e comercializar soluções pasteurizadas, em conserva.

4. Querer

Mas o que os jovens desejam, afinal?

Entre as coisas que eles mais querem está encontrar seus iguais, a “galera”. O grupo de amigos(as) ou companheiros(as) representa um primeiro passo na saída do “pequeno mundo” familiar. No grupo, cada indivíduo se espelha, imita e inaugura os mais diversos ensaios (de atitudes, roupas, valores, penteados, sentimentos, corpos, perspectivas). As formas de sociabilidade (aí incluída a sexualidade) fornecem energias que impulsionam o jovem em direção ao “grande mundo”, a sociedade. A sociabilidade também é um estágio necessário para a identidade individual, para que essa pessoa ainda em formação construa a si mesma.

Os jovens também querem experimentar. De tudo. Para eles, a vida é uma aventura. Não à toa, um dos *slogans* mais marcantes das



revoltas de maio de 1968 era “Tomo meus desejos por realidade, pois acredito na realidade de meus desejos”. Esse é o clima em que eles empreendem a construção de sua experiência. A contradição é que, tendo percorrido curta “quilometragem existencial”, devido à pouca idade (sobretudo os jovens da classe média), esses experimentadores são inexperientes, a tal ponto que sequer se dão conta disso. Adulados pela mídia e pela mentalidade predominante, os jovens pensam que o mundo está a seus pés e mostram-se convictos de que há muito pouco a aprender com as gerações anteriores – provavelmente têm razão, pois nadam no fluxo cada vez mais acelerado do consumo de novidades.

Para poderem experimentar, os jovens querem exercer ilimitadamente sua autonomia. Estamos imersos numa cultura que valoriza a escolha que, no entanto, se choca com a baixa oferta de opções concretas: esse contraste impulsiona o desejo de transformar a sociedade e nela abrir um espaço para si.

Também os impulsiona o generoso desejo de participar das decisões envolvendo a vida social (religiões inclusive), de transformar heroicamente o mundo e de colaborar no nascimento de uma sociedade utópica, onde impere a justiça social e a ética.

5. Precisar

De que, então, a juventude precisa para realizar seus desejos?

Ela tem necessidades muito concretas que, no entanto, não são simples de atender: educação, emprego e participação política. Essas realidades variam segundo a classe social a que cada jovem pertence. A classe social é um dos elementos formadores das diversas

juventudes e as distingue entre si (Pochman, in Novaes, 2004, p. 231). Nas faixas de maior poder aquisitivo, a família atua como rede de proteção e elaboração de identidade, a escola é um eixo educativo central e o trabalho envolve vocação e projeto de vida; já as famílias de baixa renda necessitam da colaboração laboral de seus jovens, e aqui a escola é uma presença periférica ou mesmo excludente em suas vidas

“O anseio juvenil de participação pressiona as estruturas clericais de poder e as dinâmicas centralizadoras de tomada de decisões.”

e trabalhar significa lutar pela sobrevivência. Enquanto a maioria pobre sofre uma adultização precoce, provocada pela inserção precária no mercado de trabalho, os jovens de famílias de maior poder aquisitivo adiam o fim da fase juvenil com o objetivo de se qualifi-

carem para atividades de melhor remuneração, com o objetivo de se contraporem a um mercado de trabalho competitivo.

Além disso, os jovens (sobretudo os pobres) necessitam de segurança, pois são as maiores vítimas de violência na população brasileira. A edição 2012 do Mapa da Violência mostra que, num *ranking* de 92 países, o Brasil é o quarto país com mais homicídios de jovens e que a taxa nesse item cresceu 375,9% nos últimos 30 anos. Segundo o levantamento, os assassinatos têm o maior peso entre os fatores externos de mortes de jovens. O sociólogo Luiz Eduardo Soares alerta que estamos diante de um “verdadeiro genocídio” (Soares, in Novaes, 2004, p. 130).

Esses dados mostram que, não obstante o jovem representar a manifestação do novo e a vitalidade/potencialidade pronta para qualquer nova oportunidade (Sofiaty, 2011, p. 55), ele é também um ser dividido, vulnerável, oscilante e angustiado. Dentro desse quadro dramático de luzes e sombras, como se delinea a relação entre os jovens e as religiões? O que têm a oferecer entre si?



6. Religiões e jovens

A adesão religiosa também varia de acordo com o estrato social. De diversos modos, as religiões tentam suprir as carências dos jovens. Sobretudo para os mais pobres, oferecem acolhida, ambientes de sociabilidade, vivência de emoções, respostas para questões vitais e participação em rituais. Algumas igrejas desenvolvem projetos de educação complementar e até de emprego, bem como *acordos* locais que resultam em segurança pessoal. É compreensível que os beneficiários desses serviços tendam a se entregar totalmente aos prestadores religiosos.

Minha pesquisa (Ribeiro, 2009) entre jovens universitários aborda sujeitos dotados de alto grau de *empoderamento* (escolaridade, capital cultural e renda familiar elevados, habitação numa metrópole): para estes, a religião é uma escolha entre várias outras agências elaboradoras de sentidos para sua existência. Tais condições lhes dão liberdade para cultivarem atitudes de distanciamento crítico, secularização, dúvida e bricolagem.

Assim, por um lado, nossos universitários *valorizam* as religiões por oferecerem sentido para a vida, conforto e elevação, fé, solidariedade e compaixão, melhoria ética das sociedades e exemplos. Por outro lado, *criticam-nas* por realizarem “lavagem cerebral” nos fiéis e os induzirem ao fanatismo e à irracionalidade; por tirarem dinheiro dos fiéis; ao proclamarem-se donas da verdade absoluta; por sua alienação e fuga da realidade; por manipularem os fiéis via emoção e medo.

A experiência de um segmento empoderado permite levantar possibilidades gerais na relação entre religiões e jovens. Em certa medida, todo jovem detém algum poder: o ponto de partida para dialogar com ele é identificar a fonte dessa energia. Para tanto, as religiões precisam ser capazes de se envolver na ampliação desse poder e assim contribuir para o crescimento em direção à autonomia e à vida adulta.

**Personalidade sólida
é fundamental
para relacionamentos
duradouros.**



29 faixas

Liberte-se da superficialidade e das máscaras (audiolivre)

Víctor Manuel Fernández
narrado por Antonio Carlos Mói

Este audiolivre apresenta caminhos para que aprendamos a nos analisar e a nos aproximar de Deus. Só assim poderemos estar à vontade com nosso próprio ser sem nos esconder atrás de máscaras nem ocultar nossa realidade.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





A esse respeito, lembro a lição de Paulo Freire, nunca suficientemente repetida, de que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (Freire, 2011, p. 71). Aqui estão em jogo duas liberdades, uma a serviço da outra. Possivelmente se retirará mais aprendizado dessa situação se invertermos a tendência espontânea de considerar a religião *maior* do que a juventude. Mais do que perguntar sobre qual é a influência das religiões sobre os jovens atuais, cabe a indagação: “Será que, e como, as religiões se deixam influenciar pelos jovens?”.

Mas isso não deve ser entendido como “atender a clientela”, tal como faz a civilização do consumo. Sobretudo, para além dos aspectos mais óbvios e vistosos, as religiões admiram, sinceramente, a juventude? Em que aspectos? O que aprendem com ela? Como se vitalizam com a seiva jovem? Cabe aos “intelectuais orgânicos” das religiões e das juventudes, em parceria, buscar respostas multidisciplinares para essas questões – talvez aí estejam as bases para uma possível Teologia da Juventude.

Conclusão

Acolher a juventude é um desafio gigante para as religiões. Deve ser levada em conta a

“juventude humana” e não apenas aquela que “frequenta o meu redil”. Para decifrar o enigma juvenil (“decifra-me ou te devoro”) e torná-lo produtivo, a religião, em especial a católica, é urgida a oferecer surpresa, compreensão da sexualidade e do feminino, espaço de autonomia para seus leigos. O jovem católico e, mais ainda, a jovem (por enquanto restrita a ser “leiga perpétua”) representam o leigo típico, atualmente reduzido a uma posição secundária. O anseio juvenil de participação pressiona as dinâmicas centralizadoras de tomada de decisões e as estruturas clericais de poder, que parecem ter sepultado as lições da *Lumen Gentium*. Se o catolicismo não for capaz de dar uma profunda guinada e aceitar o desafio que a juventude lhe apresenta, provavelmente os próximos censos demográficos continuarão a revelar redução de fiéis.

No entanto, e apesar de tudo, penso que o problema não é tanto a dimensão do rebanho, mas o fulgor da chama. Se deixar-se entusiasmar junto com a juventude, se estancar a desidratação da própria seiva, se não abortar o espírito livre que o insufla desde sua origem, então o catolicismo se manterá *relevante* – é isso que importa.

O mesmo vale para todas as religiões, no interesse da humanidade. ●

Bibliografia

- BOFF, C. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CNBB. “Evangelização da Juventude – Desafios e Perspectivas Pastorais”. Itaiaci: 45ª Assembleia Geral, maio de 2007.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- HOBSBAWM, E. *Era dos extremos – O breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (orgs.). *Juventude e sociedade*. São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2004.
- RIBEIRO, J. C. *Religiosidade jovem – Pesquisa entre universitários*. São Paulo: Loyola e Olho d’Água, 2009.
- SOFIATTI, F. *Religião e juventude – Os novos carismáticos*. Aparecida: Ideias e Letras, Fapesp, 2011.



Pe. José Luiz Gonzaga do Prado

Epifania do Senhor

6 de janeiro

O messias sem fronteiras

I. Introdução geral

A festa de hoje celebra o episódio narrado no capítulo 2, versículos 1 a 12, do Evangelho segundo Mateus. Esse evangelho veio de uma comunidade de cristãos judeus. Quer mostrar antes de tudo que, enquanto o poder político e religioso judaico ficou alarmado com a chegada de Jesus, os de fora, os de longe, os descrentes vêm fazer-lhe a mais sincera homenagem. Ele não é propriedade de um povo; veio para todos. Ainda hoje, quantas vezes quem não frequenta nossas igrejas nos dá lições práticas de verdadeiro cristianismo! Na eucaristia, celebramos Jesus, que se entrega em favor de todos para que todos participem como irmãos.

Pe. José Luiz Gonzaga do Prado, mestre em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma e em Sagrada Escritura pelo Pontifício Instituto Bíblico. Autor dos livros *A Bíblia e suas contradições: Como resolvê-las* e *A missa: Da última ceia até hoje*, ambos publicados pela Paulus.

E-mail: zedadonana@gmail.com.



II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Is 60,1-6)

Nesse poema do livro de Isaías, o poeta celebra a sonhada volta dos que, um dia, foram levados cativos e, agora, retornam à pátria.

Jerusalém fica no alto de um morro. Quando o dia amanhece, a cidade recebe os primeiros raios do sol, enquanto, em volta, nos vales que descem para as planícies, está tudo escuro. Em seguida, parece que a luz refletida pela cidade vai clareando pouco a pouco toda a região que estava em trevas.

O espetáculo da natureza transforma-se em símbolo. Jerusalém, iluminada pelo sol que é a glória de Deus, projeta a luz e se torna centro de atração para todas as nações. E, agora, os que tinham sido levados como cativos e posteriormente se espalharam pelo mundo estão chegando a Jerusalém, vindos das mais distantes nações, celebrando a festa da volta para casa.

Saíram de mãos e pés acorrentados, mas não voltam de mãos vazias: trazem para Jerusalém as riquezas das nações. Como, segundo a tradição, a rainha de Sabá foi a Jerusalém conhecer a famosa sabedoria de Salomão, eles vêm de Sabá trazendo ouro e incenso para anunciar a Boa-nova das proezas de Javé.

Tudo conflui para Jerusalém e de lá vem a luz que ilumina as nações. Ela é o centro de atração e, ao mesmo tempo, está voltada para fora: “as nações caminham à tua luz, os reis, ao brilho do teu esplendor”.

Está aberto o caminho para entender o significado mais profundo da festa de hoje.

2. II leitura (Ef 3,2-3a.5-6)

Nessa leitura, encontramos também o principal significado da festa de hoje: Deus chama todas as nações à salvação que vem por meio de Jesus Cristo. Isso é chamado de mistério.

Mistério aqui não significa algo secreto, escondido ou ininteligível; mistério é um plano de Deus só agora revelado. Se ficou oculto às gerações anteriores, especialmente ao judaísmo, que se concebia como o único povo chamado à salvação, sempre esteve presente no pensamento de Deus.

A festa de hoje vem exatamente fazer conhecido esse projeto de Deus de chamar todos à salvação. É o mistério do Cristo, o plano divino que se realiza no Ungido, Messias ou Cristo Jesus, não um “salvador da pátria”, mas “o Salvador do mundo”.

3. Evangelho (Mt 2,1-12)

O episódio que vamos ouvir no evangelho é o motivo da festa da epifania. Pensemos no seu significado: os de casa tinham as Escrituras para entender quem era Jesus, mas ficam apavorados. Os de longe vêm prestar-lhe a mais sincera homenagem, vêm adorá-lo.

Na história do povo hebreu narrada na Bíblia, os profetas têm muitas vezes a missão de dizer às autoridades que o pensamento de Deus é diferente do que estão planejando ou fazendo. No ambiente gentio, especialmente na época em que foi escrito este evangelho, os magos é que sempre questionam os reis, as autoridades. Na observação dos astros ou da natureza, eles descobrem mensagens que criticam e condenam os poderosos, que mostram a estes rumos diferentes que, evidentemente, não são de seu agrado.

Os magos vêm do Oriente, do mundo gentio, não são judeus, não têm a Bíblia nem conhecem os profetas. Uma estrela diferente que viram no céu lhes diz que nasceu o esperado rei dos judeus. A notícia não vai agradar a Herodes, que, mais de 30 anos atrás, havia obtido do imperador Augusto o direito de se chamar Rei dos Judeus e, desde então, vinha governando a Palestina toda (Judeia, Samaria e Galileia) com mão de ferro.



Herodes não tem profetas. Tem os sumos sacerdotes e os escribas de Jerusalém, os responsáveis pela religião judaica estabelecida e acomodada, que nada querem de novo. Com Herodes, Jerusalém em peso fica alarmada com a notícia do nascimento do esperado rei dos judeus. O poder civil e o religioso estavam bem casados, inteiramente comprometidos um com o outro e apenas não queriam ser incomodados.

E eles tinham a Lei e os Profetas, ou seja, a Bíblia. Ali souberam encontrar a passagem de Miqueias a respeito de um humilde pastor, nascido na pobre aldeia de Belém, que seria o governante de todo o seu povo. Miqueias pensava, sem dúvida, em Davi, mas aqui sua palavra fala do Messias, do esperado rei dos judeus. Herodes e seus comparsas tinham certeza de que o Messias deveria nascer em Belém e enviam os magos para lá. Mas a notícia desse nascimento os apavora. A chegada do esperado causa desespero nos que detêm o poder político (Herodes) e dominam a religião (sumos sacerdotes) e o conhecimento bíblico (escribas).

A estrela que os magos tinham visto na sua terra agora aparece novamente. Guiados pela estrela, eles seguem de Jerusalém até Belém, aldeia de origem do rei humilde. O menino está em casa, não num estábulo, onde é o nascimento de Jesus segundo Lucas. Aqui o interesse não é tanto mostrar a pobreza de Jesus, e sim que ele é um messias sem fronteiras, um salvador para a humanidade inteira.

No Evangelho segundo Mateus, a casa é frequentemente símbolo da comunidade dos discípulos. Na casa, junto à sua mãe, Maria, Jesus é encontrado pelos magos, figuras dos gentios, os estranhos à nação, à religião e à lei judaica. Eles prestam a sua homenagem a Jesus, adoram-no e oferecem presentes àquele cujo nascimento apavorou os dirigentes do povo que detinham as esperanças nas promessas de Deus.

Alguns estudiosos quiseram ver no ouro não o metal precioso, mas uma resina amarela,

“resina áurea”. Outros já dizem que o ouro não era privilégio dos reis, pois não era tão caro e raro como é hoje. Para o evangelista, talvez valha mais o significado de aqui estarem se realizando as palavras da 1ª leitura: “vêm trazendo ouro e incenso”.

Mestres dos primeiros séculos da Igreja, os Santos Padres viram na mirra o significado de morte, mortalidade – portanto, da humanidade de Jesus. Para o evangelista, porém, a mirra quer lembrar o seu uso nos textos bíblicos. Ligada sempre a um contexto nupcial, é o perfume da esposa (Sl 45(44),9; Ct 3,6; 4,14; 5,1; 5,13; Eclo 24,15). Jesus vem renovar a aliança, o casamento de Deus com a humanidade.

Os magos não voltam a Herodes, não lhe devem qualquer satisfação. Orientados por Deus, retornam diretamente para a sua terra.

Esse episódio do evangelho nasceu e se desenvolveu na comunidade cristã de Jerusalém, que, por ocasião da revolta judaica e da tomada do poder pelos revoltosos, saiu da cidade. O bom senso aconselhava a não entrar na loucura do enfrentamento direto com o império romano. Por isso, esses cristãos judeus saíram da cidade e até mesmo da Palestina. Mais tarde, os fariseus também vão sair de Jerusalém. Agora eles pretendem que todo judeu se torne fariseu. Assim, tornam-se os principais adversários dessa comunidade de judeus cristãos. Jesus ameaça o poder civil e religioso de Jerusalém e, ameaçado por ele, é figura do cristianismo nascente que nos deu esse evangelho.

A comunidade do Evangelho segundo Mateus, além disso, vê que muitos não judeus aceitam bem a mensagem de Jesus e tornam-se discípulos com maior facilidade do que os chefes fariseus e os líderes da revolta que tomaram o poder em Jerusalém. Os magos são figura dos que, mesmo sem um conhecimento prévio da Escritura, vêm à procura de Jesus e nele creem. O evangelho vê em Jesus um pouco da vida e da história daquela comunidade.



III. Pistas para reflexão

– Ver Jesus em nossa vida, em nossa história. O espelho que serviu para as primeiras comunidades deve servir para nós hoje. Ver em Jesus a nossa vida, a nossa história.

– Ser capaz de reconhecer no diferente suas qualidades. Conscientizar-se, na prática, de que não somos donos de Jesus nem da verdade. Ter mente e coração abertos para quem procura Jesus com maior sinceridade e honestidade do que nós, que pensamos já tê-lo encontrado. Saber aprender de quem, a nosso ver, nada sabe.

– Reconhecer que nossa fé deve ser uma ameaça (“comungar é tornar-se um perigo”) para os Herodes de hoje e deve saber-se também ameaçada pela lei do mais forte, que governa o nosso mundo. Reconhecer que o salvador Jesus não combina com a salvação que vem do poder, do dinheiro, do consumismo. “Que acordo pode haver entre Cristo e Herodes?”

– Ser uma luz, uma esperança para a humanidade. Que as nações todas possam encontrar em nós, na nossa maneira de viver em comunidades, uma luz, um caminho para sair de suas constantes crises.

Batismo do Senhor

13 de janeiro

Inauguração de um novo tempo

I. Introdução geral

O batismo de Jesus é o ponto inicial do evangelho e dos evangelhos. A palavra grega *evangelho* significa “boa notícia”. Daí veio o título dado aos quatro livros que nos apresentam as diferentes faces de Jesus. É o ponto inicial dos evangelhos, porque foi por aí que

começou o Evangelho segundo Marcos, o primeiro dos quatro, dando a entender que a pregação do Batista era o “começo da boa notícia do Messias Jesus”.

É o ponto inicial do evangelho, porque a “boa notícia do Messias Jesus” ou “do reinado de Deus” tem início ou começa a se divulgar a partir do momento em que Jesus se faz discípulo do Batista. Se, no contexto do império romano, *evangelho* era a “boa” notícia da chegada do imperador ou do reinado de Roma a determinado lugar, agora significa a boa notícia da chegada de Jesus e do reinado de Deus.

Hoje sofremos com o reinado do dinheiro e da competição. Ai dos vencidos, dos “incompetentes”. Até a natureza vai sendo arrasada pela cobiça. O reinado de Deus é boa notícia porque é diferente, é outra coisa, aponta em outra direção. É o reinado da vida, da alegria de servir e dar a vida em favor de todos; é o reinado da mesa universal de irmãos, a qual celebramos na eucaristia.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. 1ª leitura (Is 42,1-4.6-7)

No episódio do batismo de Jesus, a descida do Espírito Santo e a voz do céu lembram esse poema do livro de Isaías. Isso quer dizer que Jesus veio realizar plenamente o que ouvimos na 1ª leitura.

É o primeiro de quatro poemas que se encontram na segunda parte do livro de Isaías e cantam um servo do Senhor que, com sua maneira de agir, une o povo de Deus e se torna luz para todas as nações. Ele é humilhado, massacrado, mas vence pela resistência. Ao final, no quarto poema, seus opressores reconhecem que ele estava certo e eles, errados. (Esses poemas ou cânticos podem ser encontrados em Is 42,1-7; Is 49,1-6; 50,4-9; 52,13-53,12.)



O texto de hoje é o poema que anuncia a vocação do Servo do Senhor. Ele é o escolhido, o querido, alegria do coração de Deus. O Senhor faz descer sobre ele o seu espírito para que ele leve o direito a todas as nações, a partir da sua terra, o país de Judá, até as ilhas ou continentes mais distantes.

Sua maneira de agir é coerente com sua mensagem; para ele, o método é o conteúdo. “Não grita, não levanta a voz, lá fora, na rua, ninguém escuta o que ele está dizendo.” Não oprime o mais fraco, “não quebra o ramo já machucado nem apaga o pavio já fraco de chama. Fielmente promoverá o que é de direito, sem amolecer e sem oprimir”.

O Senhor o encarregou de promover a união, a aliança do seu povo, e ser luz para as nações (v. 6).

Os outros poemas vão dizer que ele é fiel a Deus, todo dia e o dia todo atento à sua palavra. Que encara a violência sem fazer violência, é coerente e tem a certeza de que, nas piores situações, Deus está do seu lado. Ele sofre, sofre terrivelmente, mas resiste, não se deixa abater, não perde a coragem nem desiste de sua missão. Por fim, os opressores, os mesmos que o fizeram sofrer e o consideravam o lixo da sociedade, reconhecem que ele estava certo e eles, errados. Esse é o projeto de Deus.

O quarto poema ainda diz que, pelo caminho da coerência e da resistência, o Servo Sofredor, perseguido por ser justo, há de fazer que as multidões se tornem justas. Ninguém como Jesus preenche essas palavras.

2. II leitura (At 10,34-38)

A leitura resume as primeiras pregações dos apóstolos. A trajetória missionária de Jesus começa quando, companheiro dos pobres e dos pecadores, ele se faz batizar por João. O batismo de João não é só o início dos livros dos evangelhos, mas também marca o começo da chamada “vida pública”

**Inspire-se nos feitos
de homens e mulheres
que abraçaram
para si o projeto de Cristo!**



Breve biografia dos santos (vol. 1) **Breve biografia dos santos (vol. 2)**

Pe. Antônio Lúcio da Silva Lima (org.)

Em ambos os títulos encontramos informações e dados sobre a vida dos santos de forma bem estruturada. Nossa Senhora da Conceição Aparecida e São José são alguns dos santos que constam do volume 1. Já Nossa Senhora do Carmo e São Francisco de Paula aparecem no segundo.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





de Jesus, o evangelho, a boa notícia do reinado de Deus.

O livro dos Atos dos Apóstolos faz de Pedro o primeiro a levar a boa notícia de Jesus como Messias aos que não eram do povo judeu. Pedro está na casa de Cornélio, um oficial do exército romano na Judeia. Beneficiado por uma intervenção especial de Deus, que, por meio de uma visão, o orientou a procurar Pedro, Cornélio tinha mandado pedir que o apóstolo viesse à sua casa. Ele e seus dependentes estão prontos para ouvir a mensagem do evangelho.

Pedro fala: o começo de tudo foi o batismo de João. A partir daí, ungido por Deus com o Espírito Santo, Jesus passou a fazer o bem a todos os sofredores (todos os sofrimentos eram então atribuídos ao diabo, o inimigo do reinado de Deus). Deus estava com ele. O início do evangelho, a verdadeira boa notícia, foi o batismo de João.

3. Evangelho (Lc 3,15-16.21-22)

O evangelho nos diz que Jesus começou por baixo, fazendo-se discípulo de João.

A versão do Evangelho segundo Lucas, que lemos ou ouvimos hoje, começa com uma alusão ao batismo de toda a gente. Jesus se fez batizar como tantos que iam a João, reconhecendo seus pecados e tornando-se seus discípulos. O entrar e sair da água significava o começo de uma vida nova. Na água eram sepultados os pecados do passado e o subir do rio significava o começo de nova vida como discípulo do Batista.

Segundo Marcos e Mateus, também Jesus vem à procura do batismo de João; como diz uma oração do *Ritual do Batismo*, vem “solidário com os pobres e pecadores”. Até então, é apenas mais um que se faz batizar por João. Quando Jesus sobe do rio, porém, ocorrem outros acontecimentos significativos.

Lucas, como é do seu feitio, mostra Jesus em oração. Todos estavam se apresentando

ao batismo. Depois de batizado, Jesus se põe a orar, momento em que os céus se abrem.

Zacarias era considerado o último profeta; depois dele teria se encerrado a profecia. Deus não falava mais, o céu estava fechado. O que se podia fazer, então, era apenas seguir o que diziam aqueles que conheciam a lei de Deus e a explicavam – os escribas ou mestres da lei de Deus. Tudo estava previsto, nada de novo podia ou devia acontecer.

Agora o céu se abre novamente, o que significa que Deus volta a falar. Jesus é o missionário do Pai, aquele que vem trazer novas revelações de Deus. Ele é um novo profeta, uma fala nova de Deus; traz na sua pessoa a mensagem de Deus para hoje, um recado diferente, novo e atual. Chega de submissão cega aos que se apoderaram da palavra de Deus! Deus abre a boca novamente: de agora em diante, vai falar por meio de Jesus.

Abrindo-se o céu, o Espírito, segundo Marcos, o Espírito de Deus, segundo Mateus, o Espírito Santo, segundo Lucas, desce sobre Jesus. É o Espírito que falou pelos profetas, que ungiu os profetas.

Nesse mesmo Evangelho de Lucas, em sua homilia programática na sinagoga de Nazaré, Jesus vai aplicar a si o texto de Isaías: “O Espírito do Senhor está em mim, ele me ungiu para eu anunciar a boa-nova...”. Se Deus agora fala, Jesus é o seu profeta, animado pelo seu Espírito.

Lucas diz que o Espírito Santo desceu “em forma corporal de pomba”. Na história de Noé, a pomba que volta à arca com um ramo de oliveira no bico é sinal de paz, de que o dilúvio terminou e novamente a vida é possível na terra. Na tradição judaica, porém, a pomba é também símbolo da *shekiná*, a morada, a presença de Deus. É, sem dúvida, o que ela aqui significa. Reforça a ideia do Espírito de Deus que desce sobre Jesus.

Com a descida do Espírito, a voz vinda do céu: “Tu és o meu Filho amado, em ti está



a minha alegria” acentua mais ainda a ligação do episódio com o texto do livro de Isaías lido na 1ª leitura. Ali se diz: “É o meu escolhido, alegria do meu coração, eu pus nele o meu espírito, ele vai levar o direito às nações”. Tudo aponta para Jesus como aquele Servo de Javé ou do Senhor de cuja vocação e missão falam os quatro poemas.

O primeiro poema, 1ª leitura de hoje, já diz praticamente tudo; como já comentamos, fala da vocação, da missão e da maneira de agir do Servo. Sua missão é dupla: unir o povo de Deus e iluminar todas as nações, implantar o direito no país de modo que as ilhas distantes aguardem suas instruções. Tudo isso está sendo dito agora de Jesus no evangelho.

III. Pistas para reflexão

– A missão de Jesus é agora nossa missão: levar ao mundo a boa notícia de Deus, não dos impérios deste mundo. A palavra portuguesa *alvissaras*, que os dicionários relacionam a “notícia alegre”, vem do árabe, língua irmã do hebraico. A palavra correspondente a ela no hebraico foi traduzida por *evangelho*, *boa-nova*.

– A nossa pregação é, como a de Jesus, uma notícia alegre, que traz entusiasmo, coragem, esperança? O que chamamos de evangelização não se parece mais com simples doutrinação ou domesticação? Não se aproxima às vezes de uma “ciência inútil”, da transmissão de um conhecimento folclórico ou arqueológico sem qualquer peso na vida cotidiana? Ou consiste em passar informações sobre um ritualismo vazio e sem sentido? Ou formas de legitimação da ordem social e econômica vigente?

– A notícia de um salvador humilde e sofrido, será que empolga? Até que ponto e para quem Jesus pode ser uma boa notícia? A coerência de quem “não apaga o pavio já

fraco de chama nem quebra o ramo já machucado” encontra espaço na nossa cabeça? Isso pode ser boa notícia? Hoje?

– O nosso batismo, os nossos batismos, serão início de boas notícias iguais a essas?

2º domingo do tempo comum

20 de janeiro

Nova aliança, novo casamento

I. Introdução geral

A partir de Oseias, as relações entre Deus e seu povo passaram a ser vistas no Primeiro Testamento como um casamento em que Deus é o esposo, e o povo, a esposa. As infidelidades da esposa não conseguem terminar com o amor do esposo.

A aliança do Sinai, constitutiva do povo do Primeiro Testamento, ganha, então, o caráter de um matrimônio. O período do deserto é o namoro e o noivado e, “no terceiro dia” (Ex 19,15-16), se realiza o casamento, a aliança.

A 1ª leitura, retomando a metáfora do casamento, sugere como devemos entender o significado do evangelho de hoje. Foi na “sua hora”, hora da morte, que Jesus realizou o novo casamento, a nova aliança não de mandamentos escritos na pedra, mas da lei do amor instaurada dentro de cada um (Jr 31,33).

A nova lei não é feita de leis pétreas que devem ser observadas cegamente e podem virar rotina ou ritualismo vazio. A nova lei é uma força interior, como um vinho que embriaga e leva à ousadia do amor. A nova lei não é manter-se dentro dos trilhos dos mandamentos e rituais, mas deixar-se guiar pelo mandamento único, o amor celebrado na eucaristia.



II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Is 62,1-15)

A terceira parte do livro de Isaías ou Terceiro Isaías (capítulos 56-66) é do período da volta do cativeiro da Babilônia. A época foi de grandes desencontros, de grandes decepções e também de grandes esperanças. No capítulo que hoje lemos, o autor dá vazão a toda a sua veia poética para falar da esperança.

A cidade, Jerusalém ou Sião, significa o povo, a nação, menos que o lugar. A volta do cativeiro é a justiça que Deus lhe faz, a vitória, o triunfo. Agora ela terá um novo nome pronunciado por Javé e, quando o Senhor o pronuncia, faz-se nova realidade, o povo sofrido torna-se uma joia nas mãos de Deus.

Jerusalém ainda estava em ruínas e sem moradores; agora, porém, é como a mulher abandonada que se casa novamente. Javé é apaixonado por ela, que já não é uma mulher sem nome, mas uma senhora. E o poema segue falando da esperança de restauração com a metáfora do casamento: Javé, o Senhor, é o esposo apaixonado e a nação, a cidade, é a esposa.

A consequência é que a nação já não vai plantar trigo para alimentar os inimigos nem cultivar uvas para estranhos tomarem o vinho. Está chegando o momento, é preciso organizar o povo e abrir os caminhos.

E, apontando para o significado do evangelho de hoje, o poema termina retomando a metáfora do casamento: “Serás chamada ‘Querida’, ‘Cidade Não Abandonada’”.

2. II leitura (1Cor 12,4-11)

As segundas leituras nos domingos do tempo comum não foram escolhidas, como as primeiras, em função dos evangelhos, mas propõem uma leitura contínua de textos de Paulo ou de outros escritos do Novo Testamento.

O capítulo 12 da primeira carta aos Coríntios, que continuará no domingo próximo, aborda a questão do movimento carismático na comunidade de Corinto. No trecho de hoje, destaca principalmente a unidade na diversidade, para o bem comum.

Corrigindo prováveis desvios dentro do movimento, Paulo lembra inicialmente o envolvimento da Santíssima Trindade na dinâmica dos dons. Quem distribui os dons é o Espírito Santo; quem organiza a comunidade, atribuindo as tarefas ou ministérios, é Jesus, o Senhor; quem faz tudo funcionar, dando forças para a ação, é o Pai.

Depois, insiste em que tudo deve convergir para o bem da comunidade e não servir para o espírito de competição e para a exaltação ou vaidade pessoal de uns ou de outros. E, para o bem da comunidade, tudo deve ser feito em ordem: se a um é dada a profecia, a outro deve ser dado o discernimento dos espíritos; se há o falar em línguas, haja o dom de interpretá-las, e assim por diante.

3. Evangelho (Jo 2,1-11)

A 1ª leitura apontou o significado maior do que vamos ouvir no evangelho. Como a água que se muda em vinho, a primeira aliança, representada pela mãe de Jesus, transforma-se em nova aliança, a dos discípulos de Jesus.

Os detalhes difíceis de explicar como históricos são indícios de que o relato tem sentido figurado. “No terceiro dia”: dois dias antes, Jesus estava onde João batizava, a mais de 150 quilômetros da Galileia. “A mãe de Jesus estava lá; Jesus, com os discípulos, é convidado”: além de chamar sua mãe de mulher, como se fosse a esposa, Jesus quer distância dela e alude à sua hora, a hora da cruz. E mais: a mãe de Jesus dá ordem aos que servem! Talhas de pedra, destinadas às abluções rituais, em número de seis, depositadas vazias numa casa particular! Os convidados



(quantos?), já meio embriagados, terão mais seiscentos litros de vinho! O responsável pelo serviço da mesa chama o noivo para cobrar dele por que deixou o vinho melhor para o fim! É o princípio (não o primeiro) dos sinais (não milagres) de Jesus.

Tentar justificar historicamente cada detalhe desses seria o mesmo que se empolgar com o pacote, sem se importar com o conteúdo. Ou, ao ver uma placa na estrada, examinar o modelo das letras ou se a placa é de latão, de madeira, de alumínio... O que interessa é o conteúdo, é ver os rumos que a placa indica. O Evangelho segundo João só fala em sinais de Jesus, nunca em milagres. E nele Jesus diz: “Vocês me procuram não porque viram sinais, mas porque puderam comer e matar a fome!”.

É preciso ver os sinais, o significado das figuras, o espírito. “A carne para nada serve” (Jo 6,63). É o que vamos procurar ver agora.

“Terceiro dia” lembra o dia da aliança do Sinai (Ex 19,16). A palavra Caná, nas duas formas em que se pode escrevê-la em hebraico, significa conquistar, adquirir (frequentemente, “adquirir esposa”, casar) ou ciúme. Cananeus são os homens do comércio, e Deus é chamado também de “El Caná”, Deus ciumento.

O evangelista não fala em Maria. “Mãe de Jesus” aí não é apenas ela, mas toda a parte fiel da primeira aliança, de onde veio Jesus. Ela estava lá porque representa a esposa fiel desse primeiro casamento entre Deus e o povo. Os discípulos de Jesus nem todos são filhos desse primeiro casamento, há alguns que não são judeus; por isso, com Jesus, são convidados.

A esposa fiel da primeira aliança, a “mãe de Jesus”, será também esposa da nova aliança. Jesus é o esposo e por isso a chama de “mulher” aqui, como vai chamá-la de mulher na sua hora, na cruz. Jesus está apenas começando; é preciso manter certa distância da religião antiga, para que o caminho fique aberto

Saiba mais sobre os cenários teológico e geográfico da época de Jesus!



528 págs.

Compreender o Antigo Testamento

Um projeto que se tornou promessa

Gilles Drolet

Ao comentar os primeiros livros da Bíblia – do Gênesis aos livros de Samuel –, o autor os interpreta e identifica suas implicações ao longo de toda a Sagrada Escritura.



96 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Arqueologia das terras da Bíblia

José Ademar Kaefer

O livro trata dos principais sítios arqueológicos de Israel e alguns da Jordânia, sendo de excelente ajuda para estudantes, professores e também para peregrinos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



PAULUS



para todos. Só na “hora”, na cruz, ele vai pedir que a mãe e o discípulo, os da primeira e os da segunda aliança, se acolham uns aos outros.

“Os que estão servindo” são fiéis, a mãe de Jesus pode lhes dar ordens. As seis talhas: sete é o número da plenitude; “seis” indica que está faltando alguma coisa. As talhas são de pedra, como os mandamentos da primeira aliança foram escritos na pedra. No tempo de Jesus, porém, foram transformados em ritualismo vazio, em rituais de purificação que nada purificam.

Enchendo as talhas até em cima (como encontrar 600 litros de água numa região tão ou mais seca do que o semiárido nordestino não interessa), aquela água se transforma em vinho. A primeira aliança, levada à plenitude, passa a ser nova. A água se transforma em vinho que aquece e embriaga, dá força interior e ousadia para viver a nova lei, o amor.

Os chefes atuais da religião antiga, reduzida à observância de cerimônias sem valor, não entendem, não sabem como isso pode ter acontecido; “os que servem”, os que obedecem à “mãe de Jesus”, estes, sim, sabem de onde veio aquele vinho tão bom.

Quando o chefe do serviço convoca o noivo para chamar-lhe a atenção sobre a distribuição do vinho, o evangelista só falta dizer que o noivo é Jesus e que os chefes do judaísmo de então não o entenderam, não viram que Jesus trazia o vinho melhor, a lei interior, a capacidade de amar como ele amou, único mandamento da nova aliança.

III. Pistas para reflexão

– Nós nos perguntamos por que tantas pessoas que passam a outra religião se empolgam tanto e se tornam entusiastas de sua nova prática religiosa. E por que tantos preferem ficar sem religião? Será que o nosso vinho acabou? Será que tudo não caiu na rotina? Não se tornou ritual vazio de sentido, como as purificações dos judeus do tempo de

Jesus? Será que muitos dos que deveriam estar soprando as brasas e atizando o fogo não se tornaram simples funcionários do sagrado, cumpridores corretos de suas obrigações, para justificar o que recebem? Será proibido criar, tomar iniciativa?

– Conhecemos bem a frase de Jesus: “O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado”. Criticamos os fariseus pelos seus 613 mandamentos; mas será que não fizemos dos 1.752 cânones do nosso Código uma lei mais pétrea do que a do amor ao próximo?

– Quem poderá fazer o papel da mãe de Jesus para provocar a transformação dessa água em vinho? A “hora” de Jesus já se foi. Será preciso que ele venha a morrer de novo para que seus discípulos recobrem ânimo, entusiasmo? Ou ele não continua entregando a própria vida para nos comunicar aquele “primeiro amor”? Ou nem sabemos onde, quando e como ele se entrega novamente?

3º Domingo do tempo comum

27 de janeiro

Hoje se cumpre a palavra

I. Introdução geral

A homilia de Jesus na sinagoga de Nazaré, primeiro ato da sua “vida pública” no Evangelho segundo Lucas, está resumida em três palavras: “Hoje a Palavra se realiza”. A Bíblia não é um museu nem um repertório de antiguidades. Ela fala hoje e deve realizar-se hoje.

Na leitura pública da lei de Deus após a volta do exílio, o povo fica atento desde a manhã até o meio-dia; por fim, todos se põem a chorar, pois entenderam que o que foi lido



falava de sua vida, de sua história e do momento que viviam.

A Bíblia é escrita não para dar informações frias e objetivas ou para deixar documentos para museu ou para arqueólogos, e sim para formar segundo a justiça (2Tm 3,16). Seu objetivo não é satisfazer a curiosidade dos historiadores, mas reforçar a fé e a prática dos discípulos. Existe para hoje, não para o passado. É como a eucaristia, que faz memória, se realiza e provoca.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Ne 8,2-4a.5-6.8-10)

O texto narra uma leitura pública da lei de Deus. O povo voltou do cativeiro e a vida recomeça na terra de Judá. Novo começo exige renovação da aliança e, portanto, uma leitura solene e oficial da lei do Senhor.

O povo todo se reúne como uma só pessoa. Mesmo os que não tinham sido levados para o exílio ou seus filhos, todos se consideram repatriados, em busca de – à luz da palavra de Deus – retomar a vida na terra que Deus lhes dera.

O leitor é o sacerdote e escriba Esdras. A experiência do exílio, longe do templo, então destruído, fez que a palavra de Deus se tornasse mais importante do que o culto. A leitura é solene e há tradução ou explicação para todos os que falavam o aramaico e já não entendiam tão bem o hebraico.

Ao final, o povo chora. O que foi lido falou de sua vida, dos últimos acontecimentos, de seus erros, de seus sofrimentos e das novas esperanças que agora eles viviam; tudo estava ali nos textos bíblicos que acabavam de ouvir. Por isso, choraram. Entretanto, voltam para casa felizes e reanimados, pois agora têm a luz da palavra de Deus para iluminar suas vidas.

DISCUSSÕES ATUAIS SOBRE A FORMAÇÃO PERMANENTE!



88 págs.

O futuro da vida religiosa Das origens à crise actual

José M. Castillo

A obra traz reflexões atuais e muito valiosas sobre a vida religiosa e os seus desdobramentos em um mundo que sofre constantes mudanças sociais, políticas e econômicas.



136 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Formação permanente: Acreditamos realmente?

Amedeo Cencini

Estruturada em prefácio, introdução, cinco capítulos e conclusão, a obra fala da formação permanente para esclarecê-la a quem decidiu seguir o Mestre num caminho que jamais termina.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





2. II leitura (1Cor 12,12-30)

Continuamos lendo o capítulo 12 da primeira carta aos Coríntios. Paulo já havia insistido em que as diferenças de dons, ministérios e atividades não significam desigualdade, porque tudo deve colaborar para o bem comum.

Talvez alguns ainda não entendam bem o que isso significa e se prendam mais às diferenças, o que leva ao espírito de competição. Paulo usa, então, a comparação do corpo.

Não há ciúme nem espírito de competição entre os diferentes órgãos e membros do nosso corpo. Assim também invejas, ciúmes, vaidades e espírito de competição nunca podem fazer parte da vida cristã.

3. Evangelho (Lc 1,1-4; 4,14-21)

A terceira leitura de hoje une dois trechos do Evangelho segundo Lucas: a introdução, onde ele conta como escreveu o evangelho; depois a leitura da Bíblia em Nazaré e a homilia de Jesus, que declara o objetivo de sua missão.

A Pontifícia Comissão Bíblica publicou, em abril de 1993, um documento sobre a interpretação da Bíblia na Igreja católica. Ali se diz que um dos maiores erros da leitura fundamentalista ou literal da Bíblia é confundir, no caso dos evangelhos, a última etapa – ou seja, os evangelhos como os temos hoje – com a primeira etapa, os fatos e palavras de Jesus que deram origem aos evangelhos. É o grande erro achar que os evangelhos contam tudo exatamente como aconteceu.

Na introdução ao Evangelho segundo Lucas, podemos encontrar estas quatro etapas da formação dos evangelhos: 1. Os acontecimentos; 2. As pregações dos apóstolos e discípulos de Jesus; 3. Vários escritos menores; 4. Os evangelhos atuais, como estão na Bíblia. Podemos observar: “Muitos tentaram escrever (3ª etapa) a história dos fatos (1ª etapa) assim como nos transmitiram (...)

testemunhas oculares (...) ministros da Palavra (...) (2ª etapa) decidi também eu redigir (...) um relato ordenado” (4ª etapa).

O objetivo do evangelho é “para que conheças a solidez do ensinamento que recebeste”. É dar firmeza à fé do Teófilo, quer dizer, do amigo de Deus que cada um de nós pretende ser.

O segundo trecho descreve uma leitura pública da Escritura que, num sábado, Jesus faz durante a celebração da Palavra na comunidade de Nazaré, sua terra. Jesus lê e explica: “Essa passagem da Escritura se realiza hoje, aqui!”. A reação é de espanto e, depois, de indignação. As pessoas começam se perguntando se ele não é o conhecido “filho de José” e terminam querendo jogá-lo no precipício. Mas, “passando pelo meio deles, ele seguiu seu caminho”.

Qual é a palavra da Escritura que Jesus aplica a si mesmo? É o programa de seu ano missionário segundo Lucas. O evangelista une duas passagens de Isaías: uma do capítulo 61,1-2 (“O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me consagrou com a unção para anunciar a boa-nova aos pobres, enviou-me para anunciar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista”) e outra do capítulo 58,6 (“para dar liberdade aos oprimidos”), voltando por fim a 61,2 (“e proclamar o ano de graça da parte do Senhor”).

Certa vez alguém me perguntou: “Por que a Bíblia fala tanto em ‘evangelizar os pobres’ e não os ricos, que parecem estar mais distantes de Deus e da fé?”. A missão de Jesus, resumida nessa citação de Isaías, é exatamente evangelizar, ou seja, levar a boa notícia (é o que significa a palavra evangelizar) aos pobres, proclamar o ano da graça ou do agrado de Deus, o jubileu. Nesse ano, segundo Levítico 25,10, quem está preso por causa de dívida recupera a liberdade; quem devia tem suas dívidas perdoadas; quem perdeu suas terras, seu meio de vida, volta



para a antiga propriedade. Isso não é boa notícia para os pobres? Para os ricos talvez não seja tão boa... Mas é a missão de Jesus.

É o programa de Jesus no Evangelho segundo Lucas: “Hoje essa palavra se realiza”. A preocupação com os pobres percorre todo o Evangelho de Lucas. Jesus não nasce num berço de ouro; seu berço é o cocho de um estábulo. Seu nascimento é anunciado aos pastores, gente pobre e temida, como os ciganos e os sem-terra de hoje. “Hoje nasceu para vós um salvador”: salvador dos pobres, ele será reconhecido na pobreza do berço. As viúvas pobres estão presentes nesse evangelho bem mais do que nos outros. As parábolas próprias de Lucas falam do homem sem nome, roubado e caído à beira do caminho; falam dos pobres forçados a entrar para a festa do rei; falam do pobre Lázaro caído à porta do banquete diário do rico e do abismo que os separa aqui e na eternidade.

III. Pistas para reflexão

– As comunidades que nos deram esse evangelho eram, em sua maioria, pobres, mas preocupadas com outras mais pobres. Quando se resolveu o problema com as comunidades da Judeia, ficou combinado que os cristãos gentios não se esqueceriam dos judeus pobres (Gl 2,10). As comunidades da Macedônia (Filipos, Tessalônica), apesar de sua profunda pobreza, participaram de uma campanha em favor deles (2Cor 8,1-2). Vinte anos depois de Jesus, em Corinto, a grande maioria era de pobres, sem nome e sem estudo (1Cor 1,26), mas a minoria rica os humilhava até na celebração da Ceia do Senhor (1Cor 11,17-34).

– Quando as autoridades da Igreja pareciam ter se esquecido dos pobres e da pobreza, permitindo que o poder e a riqueza a governassem, são Francisco inventou o

presépio, para lembrar o nascimento de Jesus segundo Lucas. Hoje, aqui, ainda há lugar para o presépio e sua mensagem? Ou não é preciso falar mais nisso, não é oportuno? Seria proibido?

– Ao fim do Concílio Vaticano II falava-se muito em “Igreja pobre e servidora”, depois em “opção preferencial pelos pobres”; hoje talvez o pobre tenha escapado do vocabulário.

– Ainda há ricos que, todos os dias, dão esplêndidos banquetes, para os quais convidam os líderes da Igreja? Os pobres Lázaros, enquanto isso, continuam esperando migalhas. Eles só encontram solidariedade nos cães – que se alimentam de seu sangue e, com a saliva, lhes aliviam a dor e curam as feridas.

– Despertar nas pessoas a consciência e a atuação sobre tal realidade era a missão de Jesus. A nossa deve ser a mesma...

4º domingo do tempo comum

3 de fevereiro

O profeta não é agradável

I. Introdução geral

o profeta não repete o que todos deveriam estar cansados de ouvir. O profeta vê o que outros não veem, testemunha o que Deus vê e como Deus vê a realidade. Não fala em seu nome, e sim em nome de Deus – por isso é profeta. Mas o Mercado não admite contestação, não admite que se fuja do pensamento único. Não quer testemunho de outra verdade que não seja a sua. O profeta, além disso, está sempre em sua terra, qualquer lugar é sua pátria, porque a verdade de Deus não tem pátria.



O profeta não é bem recebido em sua pátria e em lugar nenhum, porque qualquer lugar é pátria sua.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Jr 1,4-5.17-19)

O jovem Jeremias sente o chamado de Deus e as dificuldades da missão de profeta, mas também o apoio e a segurança que lhe vêm do mesmo Deus.

O texto selecionado para a leitura de hoje não inclui a manifestação de insegurança de quem se sentia jovem demais, a confirmação, o alcance de sua missão e dois símbolos da tarefa do profeta e do momento histórico em que vai agir. Ele deverá enfrentar sem medo as autoridades e anunciar o pensamento de Deus diante da iminente invasão do império babilônico (vv. 6-16).

O texto de hoje, nos primeiros versículos (4-5), lembra que desde sempre Javé queria Jeremias profeta; antes que nascesse, já o consagrou e o fez seu profeta. Ninguém é profeta por acaso; o profeta é querido por Deus antes mesmo de sua existência.

Ele é consagrado, separado para a função, a qual é mais importante que a do sacerdote e a do rei. Tem autoridade para denunciar, em nome de Deus, tanto a má administração e as intrigas políticas como a falsidade do culto. E essa função não se restringe ao seu povo: será profeta para as nações. O profeta tem voz universal.

Na segunda parte do texto de hoje, Deus dá força ao profeta, que não deve deixar de dizer nada do que ele lhe diz, nada do que percebe ser o pensamento dele. Não deve ter medo, sempre o pior conselheiro. Se a cidade de Jerusalém poderá ser invadida, suas muralhas demolidas e suas colunas derrubadas, o profeta

será mais resistente, será muralha de bronze e coluna de ferro. Não fica sem perseguição, mas Deus estará com ele para defendê-lo.

2. II leitura (1Cor 12,31-13,13)

Depois de comentar o valor, o significado e as dificuldades dos dons carismáticos, Paulo fala agora do caminho sem defeitos e superior a todos.

Os capítulos 12, 13 e 14 da primeira carta aos Coríntios estão interligados pelo que tecnicamente se chama paralelismo quiástico ou cruzado, correspondendo-se assim: (12) A- Os dons carismáticos; (13) B- O caminho superior e (14) A'- Os dons carismáticos. Seria como um sanduíche de pão com carne ou recheio: as duas fatias de pão seriam os capítulos 12 e 14, em que Paulo fala dos carismas; a carne ou recheio seria o capítulo 13, em que Paulo fala do caminho superior a tudo o mais. É o texto da 2ª leitura de hoje.

O caminho superior a tudo é o que se chama caridade ou amor. Nenhuma das duas palavras, contudo, satisfaz plenamente.

A língua grega tem a palavra *filia*, que significa a simples amizade, a palavra *eros*, que significa o amor de ordem sexual, e a palavra *agape*, que era pouco utilizada. Foi esta que Paulo escolheu para indicar o amor cristão, que não se identifica com a simples amizade nem traz a marca egoísta do desejo sexual.

O amor cristão é, acima de tudo, solidariedade, superação do sistema do império de dependência e clientelismo. Nós nos amamos, somos solidários, somos iguais, somos irmãos, e não dependentes uns dos outros.

Podemos notar como o texto de hoje faz alusões diretas ou indiretas aos dons tão valorizados no movimento carismático de Corinto. Assim, sem o amor, falar em línguas seria como um bronze que vibra ou címbalos (instrumentos semelhantes aos pratos de uma banda de música) barulhentos. Lembra o dito popular: “Lata vazia é que faz barulho”.



Até quando Paulo fala das características do amor cristão, a solidariedade, podemos perceber alusões indiretas aos perigos que ele via no movimento em Corinto: o amor não é isso, não é aquilo etc.

Mesmo entre as três virtudes principais, chamadas de teologais, a caridade ou amor tem a primazia. A fé termina quando nossos olhos se abrem para Deus definitivamente (lembrar que o espelho daquele tempo não era como o de hoje, mas apenas uma peça de bronze bem polido). A esperança termina quando alcançamos o esperado, maior do que aquilo que esperávamos. Só o amor permanece e chega à plenitude na eternidade.

3. Evangelho (Lc 4,21-30)

Jesus, na sua terra, fala com clareza do seu programa e da falta de fé dos conterrâneos. Querem matá-lo, mas, passando pelo meio deles, ele segue em frente.

Na leitura que fez na sinagoga, Jesus interrompeu o texto de Isaías antes da frase: “o dia da desforra do nosso Deus”. Essa frase se desenvolve no texto de Isaías, afirmando que as nações que tinham escravizado Israel viriam a ser suas escravas. Jesus omitiu tudo isso, e os ouvintes, familiarizados com os textos bíblicos, certamente perceberam. A salvação que ele hoje realiza é universal, não é nacional nem particularista.

A reação dos conterrâneos começa com admiração pelas palavras agradáveis que saíram da boca de Jesus. Acharam linda a fala de Jesus comentando o ano do agrado de Deus anunciado por Isaías.

Logo em seguida vem o espanto: “Esse aí não é o filho de José?”. Lucas, que começou seu evangelho falando do nascimento virginal de Jesus e, depois, disse que ele “era considerado filho de José”, aqui não faz questão desse porém. Os conterrâneos continuam enganados quanto à verdadeira identidade de Jesus.

DISCUSSÕES ATUAIS SOBRE A FORMAÇÃO PERMANENTE!

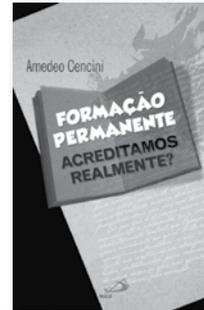


88 págs.

O futuro da vida religiosa Das origens à crise actual

José M. Castillo

A obra traz reflexões atuais e muito valiosas sobre a vida religiosa e os seus desdobramentos em um mundo que sofre constantes mudanças sociais, políticas e econômicas.



136 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Formação permanente: Acreditamos realmente?

Amedeo Cencini

Estruturada em prefácio, introdução, cinco capítulos e conclusão, a obra fala da formação permanente para esclarecê-la a quem decidiu seguir o Mestre num caminho que jamais termina.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Jesus se antecipa e, antes que o questionem, retoma a fala, comparando Nazaré e Cafarnaum. Há aí uma incoerência: Lucas ainda não narrou a atuação de Jesus em Cafarnaum; como vai compará-la com o que acontece em Nazaré? Marcos e Mateus, por seu turno, situam a visita de Jesus a Nazaré depois de ele ter centralizado sua atividade em Cafarnaum. A incoerência não importa; Lucas quis situar a visita de Jesus a Nazaré no início da sua atividade missionária para fazer dessa visita um manifesto do programa de Jesus.

Cafarnaum era considerada uma cidade impura porque ali viviam muitos gentios; continuava, no entanto, sendo cidade israelita. Mas Jesus ainda vai além: fala de milagres feitos pelos famosos profetas Elias e Eliseu em favor de não israelitas. Ele também veio para os não israelitas.

Do espanto, os conterrâneos de Jesus passam à indignação. Entendem o significado universal da missão que Jesus se atribui e pretendem precipitá-lo do alto da colina, uma alternativa para o apedrejamento. “Mas, passando pelo meio deles, Jesus seguiu seu caminho.”

III. Pistas para reflexão

– A fé costuma ser muito bem-aceita enquanto não toca na vida cômoda e nos interesses pessoais ou de grupo. Já dizia alguém: “O povo gosta de rezar porque rezar não lembra os pecados, e reunião lembra!”.

– No trecho do evangelho de hoje, os que querem matar Jesus não têm sucesso, pois, “passando pelo meio deles, Jesus seguiu seu caminho”. Os que se consideravam donos de Jesus, bons conhecedores dele, quando o veem se mostrando aberto a todos, já não o aceitam e querem dar-lhe um fim. Corremos o risco de nos considerar donos de Jesus e de sua mensagem. Somos capazes de dizer tudo o que se pode ou não se pode fazer em nome da fé em Jesus e na sua Igreja.

– A preocupação muitas vezes é apenas manter e conservar as estruturas. Mas o profeta é livre desses condicionamentos: está ligado apenas a Deus, que o sustenta, e ao que Deus quer que ele diga.

– O profeta é um eterno suspeito, um eterno perseguido. Quem prefere se dar muito bem com as estruturas, sentir-se confortável e tranquilo diante de tudo o que manda neste mundo jamais será capaz de assumir a missão profética.

– Os profetas estão em extinção; sua voz é calada e todas as portas se fecham para eles. Se Deus os chama, há os homens que os impedem de se manifestar ou de ser ouvidos. O peso das estruturas e dos interesses é tão grande, que ninguém mais se arvora em profeta ou, então, sua voz não encontra eco, porque o eco também está proibido. Quem não se arrisca a ser precipitado morro abaixo jamais será profeta.

– Na eucaristia, celebramos o gesto profético supremo da coerência até a morte e morte de cruz, única capaz de abrir caminho para a mesa comum.

5º domingo do tempo comum

10 de fevereiro

O que é pescar gente

I. Introdução geral

Depois de manifestar seu programa – anunciar o ano do verdadeiro jubileu – e ser, então, rejeitado pelos seus conterrâneos, Jesus segue o seu caminho. Agora ensina da barca de Simão e o chama para ser pescador de gente.

Pescar gente não é simplesmente trazer as pessoas para o seu barco, o seu grupo, a



sua instituição; é tirar as pessoas do poder da morte. As águas volumosas como o lago, o mar, eram relacionadas ao poder da morte e das forças do mal. O capítulo 21 do livro do Apocalipse, ao falar dos novos céus e nova terra, onde já não existe nem morte, nem luto, nem dor, diz: “o mar já não existe”.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Is 6, 1-2a.3-8)

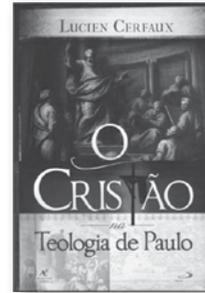
Isaías nos conta como se sentiu chamado para ser profeta, um mensageiro de Deus. Homem do templo e homem de oração, foi certamente no templo que ele sentiu o apelo de Deus.

Se isso sucedeu, como muitos pensam, no dia da expiação, no momento em que o sumo sacerdote, levando sangue de carneiros e bodes, afastou a cortina para entrar no santuário, certamente Isaías viu a arca da aliança e os querubins que a ladeavam. Com a mente sempre voltada para Deus, foi então que seus pensamentos o conduziram a essa experiência mística.

Javé sentado entre os querubins, lá no alto, nas alturas, sublime. Bastava a orla do seu manto para encher todo o templo, como a nuvem de fumaça, outro sinal da presença de Deus, também enchia o templo. O cântico dos serafins diz que a terra toda – não só o templo – está cheia da glória de Deus. O santuário, o templo e a terra inteira estão repletos da sua glória. Javé é o Deus santo, presente em toda parte, ocupando todos os espaços.

Ver Deus e sua glória é correr grande risco, pois quem vê Deus não pode continuar vivo, como afirmam vários textos do Primeiro Testamento. Isaías acrescenta mais uma razão: tem lábios impuros e vive no meio de gente de lábios impuros. Mas um serafim,

LEITURAS ESSENCIAIS PARA OS ESTUDIOSOS DO PENSAMENTO DO APÓSTOLO DAS GENTES!

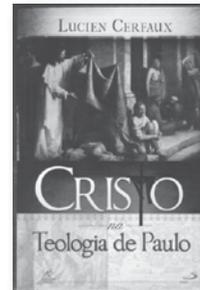


616 págs.

O cristão na teologia de Paulo

Lucien Cerfaux

O biblista Lucien Cerfaux analisa nas cartas de Paulo a condição do cristão nas mais variadas situações que a fé em Cristo apresenta, dando-nos uma abrangente exposição da teologia paulina.



448 págs.

Cristo na teologia de Paulo

Lucien Cerfaux

Este livro é um verdadeiro convite à compreensão que Paulo tinha de Cristo como fundamento de sua vocação, pregação e teologia. Trata-se de um valioso manual de cristologia paulina.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



anjo do fogo, vem purificar-lhe os lábios com uma brasa tirada do altar, de onde a fumaça dos sacrifícios sobe até Deus.

Vem, em seguida, a vocação. Javé não diz que o escolheu e quer enviá-lo, apenas pergunta a quem há de enviar, quem irá por ele; Isaías, por seu turno, não manifesta qualquer resistência, acode prontamente: “Aqui estou! Envia-me!”.

2. II leitura (1Cor 15,1-11)

Para responder a questões que preocupavam as comunidades de Corinto, Paulo explica por que saiu pregando que um crucificado é o Messias, a esperança da humanidade.

Em Corinto, um grupo de intimistas espiritualistas mais exaltados negava a ressurreição ou não dava importância a ela. Não se sabe se era por influência da filosofia grega – especialmente do platonismo, que não valorizava o corpo, considerando-o prisão da alma – ou se porque, em sua alta espiritualidade, já se achavam ressuscitados e em plena comunhão com Deus. Para uns, bastava a imortalidade da alma, o corpo era desprezível; para outros, a morte nada de novo iria trazer, pois já estavam plenamente realizados, em plena comunhão com Deus.

Seja como for, Paulo lembra a mensagem básica do cristianismo: o Messias Jesus morreu por causa dos nossos pecados, foi sepultado e ressuscitado segundo as Escrituras. Fala de fatos: morte, sepultura, ressurreição. O objetivo foi livrar a humanidade do pecado, e tudo aconteceu em conformidade com as Escrituras.

A sepultura, sem dúvida, confirma a realidade da morte, e a ressurreição significa a intervenção de Deus, que aprova e confirma Jesus como Messias e Senhor. Paulo não fala da ressurreição como um espetáculo nem como o simples devolver a vida a um cadáver. Fala da ressurreição, uma vida nova, como objeto fundamental da pregação e da fé cristã.

As aparições do Ressuscitado que Paulo enumera não são as mesmas que se encontram nos evangelhos, mas, como aquelas, servem para comprovar o fato de que, depois da morte real e verdadeira, Jesus passou a outra esfera de existência. A aparição ao próprio Paulo – terá sido por ocasião de sua conversão ou em outro momento de sua vida? – alinha-se com as outras, embora o apóstolo se considere um feto abortivo.

É o testemunho de sua dedicação ao trabalho em favor do evangelho que vem atestar o valor de suas experiências do Ressuscitado. Seu encontro pessoal com Jesus ressuscitado trouxe-lhe a força, a graça de Deus, que o fez trabalhar muito mais do que os outros.

3. Evangelho (Lc 5,1-11)

Jesus começa a chamar os apóstolos. Os primeiros são pescadores. Como se trata de pescadores, Jesus os chama em meio a uma pesca.

Nos Evangelhos de Marcos e de Mateus, Jesus, passando pela beira do lago, chama os pescadores Simão e seu irmão André, e também os irmãos Tiago e João, convidando-os a se tornar pescadores de gente. Estes vão começar a formar a comunidade de irmãos, a comunidade dos discípulos de Jesus.

Lucas faz diferente. Toma a tradição, também presente em Jo 21, de uma pesca miraculosa, e aí mostra Jesus chamando Pedro para ser pescador de gente. Lucas constrói bem a sua história, sem deixar de lado os simbolismos. Porque a multidão o aperta de todos os lados, Jesus sobe à barca de Simão e daí instrui o povo.

Da barca de Simão Pedro, Jesus instrui as multidões. É da barca de Pedro, a Igreja, as comunidades cristãs, que a mensagem de Jesus deve chegar à humanidade toda. Poderíamos nos perguntar: para quê? Após terminar seu ensino, Jesus manda que Simão leve o barco para águas mais profundas.



Na concepção da época, as águas profundas comunicavam-se com a mansão dos mortos, debaixo da terra. Os monstros que habitariam as grandes águas e o perigo dos ventos e das tempestades reforçavam a ideia de o mar ser o mundo da morte e do mal. Pescar significava, então, tirar do poder da morte.

Aos que estavam com Pedro, Jesus manda: “Lançai vossas redes para a pesca!”. Todos devem pescar. Todos devem contribuir para salvar a humanidade. Simão deixa de lado sua experiência de pescador e confia na palavra de Jesus. O resultado é a pesca farta. Não é preciso mostrar o significado de tudo isso.

Muito próprio de Lucas é o destaque dado a Pedro. É sua a barca de onde Jesus ensina, é a ele que Jesus manda levar o barco ao mais profundo, é ele quem confia na palavra de Jesus, é ele quem se prostra diante de Jesus, reconhecendo-se pecador (como Isaías na 1ª leitura), é a ele que Jesus faz pescador de gente. De André, seu irmão, nenhuma palavra. Só há pequena alusão aos outros dois irmãos, Tiago e João.

O resultado é que todos deixam os barcos – por hipótese, cheios de peixe (poderiam fazer bons negócios) – e tudo o mais para seguir Jesus. Todos serão pescadores, todos terão a missão de tirar a humanidade do reino da morte. Para isso deixam tudo, não só os peixes, que eram a sua vida até então.

III. Pistas para reflexão

– Deixar tudo. Sem renúncia, nada se faz em benefício dos outros. A renúncia maior ou menor, mais ou menos livre, alegre e espontânea será a medida do resultado da pesca, do esforço para tirar a humanidade do domínio da morte. Quanto mais cheio de mim, mais vazio estou da missão que o Senhor me confia.

– Pedro é a referência, o sinal de unidade, quem qualifica e representa o todo. Nos Atos

dos Apóstolos, o mesmo são Lucas diz que bastava a sombra de Pedro para curar os sofredores que de todos os cantos vinham recorrer à comunidade. A sombra de nossas comunidades tem sido sinal de vida e esperança ou sinal de desespero e morte?

– Todos os que estão na barca de Pedro são chamados a lançar as redes. É preciso saber me desprender e atirar a rede como se ela fosse eu mesmo. Nas águas mais profundas, lá onde elas se comunicam com o mundo dos mortos, lá no olho das forças da morte, ali é preciso atirar as redes para pescar. O cardume enorme de peixes está aí bem à porta da morte. O pescador de gente também deve saber onde estão as mais numerosas multidões, saber que estão às portas do reino da morte.

– O método é o conteúdo da mensagem. É como pescadores que Jesus chama como pescadores. Se fossem lavradores, Jesus os chamaria como lavradores; se fossem pedreiros, cozinheiras ou donas de casa, como tais Jesus os chamaria. Cada qual deve ser convocado onde está, onde vive, naquilo que faz. É aí, no seu trabalho, no ambiente em que vive, onde pode ter alguma influência, que todos são chamados a pescar, construir, plantar, fermentar, cuidar, para que as multidões sejam livres do poder da morte.

1º domingo da quaresma

17 de fevereiro

As tentações de ontem e de hoje

I. Introdução geral

A Quaresma era, nos seus inícios, um tempo forte de preparação para o batismo. Na Quaresma, a pessoa que se tornaria cristã



tinha a oportunidade de refletir mais e mais na nova vida que estava assumindo, assim como nas dificuldades que haveria de enfrentar para ser fiel ao evangelho no meio de um mundo pagão.

Hoje a situação não é muito diferente para todos os que pretendem viver de modo cristão. Se nos inícios, para celebrarem a sua fé, aconteceu aos cristãos ter de se esconder nos subterrâneos das catacumbas, atualmente podem celebrar o mais sagrado dos seus mistérios diante das câmeras bisbilhoteiras da televisão. Isso, porém, não quer dizer que tenha ficado fácil viver hoje de maneira autenticamente cristã.

As tentações de reduzir o sentido da vida ao bem-estar, ao consumismo fácil e até ao desperdício, as tentações dos ídolos do dinheiro e do mercado e os da religião milagreira, que põe a fé a serviço de interesses pessoais, estão fortemente presentes hoje, mais até do que no passado. E esses demônios se vencem com o jejum, com a oração, pela fé e por uma práxis centrada no evangelho.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Dt 26,4-10)

Os donativos das primícias, os primeiros frutos da colheita, eram ocasião para o judeu devoto recordar a presença de Deus na sua história e reconhecê-lo como único Senhor. A Quaresma também é ocasião de recordar as origens de nossa fé, lembrar-nos de onde viemos, para onde vamos e do Deus em que cremos.

O texto escolhido para a 1ª leitura de hoje deixa fora os primeiros versículos, que falam da entrega das primícias. Em outras religiões antigas, a entrega em um templo dos primeiros frutos da colheita celebrava um

rito de fecundidade, como se fosse a nova descida de um deus ao interior da terra para torná-la fecunda.

A religião de Israel, porém, é uma religião histórica. Seu Deus não está na natureza nem tem a ver com um mito que apenas repete os ciclos naturais. Seu Deus é Javé, que se manifesta na história. E essa história tem começo e tem destino.

É uma história de libertação. Começa com um arameu errante, passa pela opressão sofrida no Egito e avança para a entrada na terra, com a posse de uma terra onde correm leite e mel. O errante se torna estável, o escravo se torna livre, o carente se torna senhor.

A solidariedade horizontal explicitada no v. 11, ausente do texto de hoje, inclui uma solidariedade vertical, que remete até a um primeiro pai de todos. Tudo o que sucedeu a cada geração faz parte da nossa vida.

2. II leitura (Rm 10,8-13)

Falando a cristãos não judeus e tendo em vista cristãos judeus que retornavam para Roma em situação de inferioridade, Paulo insiste na igualdade entre todos perante a oportunidade de salvação.

Extremamente pobres, os judeus que viviam em Roma tinham sido expulsos da cidade, como diz um historiador daqueles tempos, “por causa das frequentes agitações provocadas (em seus bairros) por certo Crestos”. As agitações aconteciam por discussões em torno de Jesus, se seria ele o Messias (Cristo) ou não.

O fato é que agora Nero permitiu a volta dos judeus. Os cristãos judeus vão querer novamente se integrar nas comunidades de onde saíram, as quais agora só têm cristãos não judeus, também chamados simplesmente de gregos. Será fácil se entrosar com eles? Não serão os judeus humilhados mais uma vez? Por que a maioria deles não aceitou a fé em Jesus? A salvação é um privilégio dos não judeus?



Essas e outras perguntas fervilhavam na cabeça de Paulo quando escreveu aos romanos. No trecho lido hoje, ele fala da esperança de os judeus também chegarem à fé e à salvação em Jesus. Não há diferença: todos, judeus e não judeus, ou gregos, podem alcançar a salvação em Jesus.

Na liturgia da Quaresma, essas palavras falam fortemente aos que se preparam para receber o batismo na Vigília de Páscoa.

3. Evangelho (Lc 4, 1-13)

Jesus começa a sua missão com uma “Quaresma”, 40 dias de provação e jejum. É só um ensaio e uma amostra. As forças do mal continuam lutando contra ele durante toda a sua vida e missão.

Bem característico do Evangelho de Lucas é a referência constante ao Espírito Santo. Repleto dele, Jesus se afasta do rio Jordão: pelo mesmo Espírito, ali ele fora ungido como Messias e agora é conduzido pelo deserto por 40 dias de tentação ou prova. A luta é entre o Espírito, que é vida e liberdade, e o diabo, que é fanatismo e opressão.

É também próprio de Lucas indicar que essas tentações foram apenas um ensaio e amostra. Ele termina o episódio dizendo que o diabo se afastou para voltar no momento oportuno. Esse momento oportuno seria durante o tempo de atividade de Jesus, especialmente a ocasião da sua morte? Pode ser também a volta frequente das mesmas tentações sobre os discípulos de ontem e também de hoje.

A “Quaresma” de Jesus se espelha nos 40 anos do êxodo, os 40 anos em que o povo de Deus viveu acampado no deserto, mudando de um lugar para outro em busca da terra prometida. O deserto e as tentações se assemelham. Podemos, assim, traçar um paralelo entre as tentações dos hebreus acampados no deserto, as tentações de Jesus e as tentações de hoje.

Viva a religião como libertação e como encontro com o Deus-Amor.



350 págs.

Recuperar a criação Por uma religião humanizadora

Andrés Torres Queiruga

O autor desenvolve uma teologia sistemática da criação. A segunda parte da obra é chamada por ele de “aplicações” dessa teologia a três temas: à relação entre moral e religião; ao problema da culpa, pecado e perdão; e, finalmente, à oração.



232 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Recuperar a salvação Por uma interpretação libertadora da experiência cristã

Andrés Torres Queiruga

Durante muito tempo, a religião foi associada a deveres, regras, imposições. As páginas mostram que ela nos oferece a companhia de Deus, seu apoio, seu amor e sua luz.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
SAC: (11) 3789-4119

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Hebreus	Jesus	Hoje
Fome: Pedem pão, pedem carne, lembram as cebolas do Egito.	Fome: “Manda que esta pedra se transforme em pão!”.	Consumismo.
Idolatria: Ajuntam seus objetos de ouro para fazer um bezerro de ouro e adorá-lo.	Poder: “Toda essa riqueza será tua se te prostrares para me adorar!”.	Poder, riqueza, aparência: “Em política e em negócios só não vale perder!”.
Moisés cai na tentação e pergunta: “Será que Deus pode fazer brotar água desta pedra?”.	Providencialismo: “Joga-te daqui a baixo que Deus mandará seus anjos te carregarem!”.	Religião de curas: “Joga fora esses remédios que Jesus vai te curar!”.

Seria possível ver também, durante a atividade de Jesus no Evangelho segundo Lucas, a volta dessas mesmas tentações? Em 22,28, Jesus diz que os discípulos estiveram com ele em todas as suas tentações ou provações. Quais teriam sido essas provações? Não será muito difícil identificá-las em todo o evangelho e observar sua correspondência com as três amostras que temos aqui.

Quando, diante do entusiasmo da multidão por causa de suas curas, Jesus se retira para a montanha em oração, não está a indicar que não quer ser simples curandeiro? Quando diz que não tem sequer uma pedra onde reclinar a cabeça, não está falando de uma vitória contra a tentação do conforto, do consumismo? Quando, com muitíssima frequência no Evangelho segundo Lucas, Jesus critica os ricos e a riqueza, não estaria também vencendo essa tentação? E a última provação, corajosamente vencida, foi, sem dúvida, a morte de cruz.

A “Quaresma” de Jesus prepara-o para a missão. Aqui ele se treina para superar todas as dificuldades que hão de vir. Assim, aquele que se prepara para o batismo se exercita na Quaresma para, com Jesus, “vencer o mundo”.

III. Pistas para reflexão

– Não seremos batizados novamente, mas a renovação do nosso batismo na Vigília de Páscoa tem de ter um significado verdadeiro. A cada dia temos de nos batizar novamente. E a “Quaresma” de Jesus deve ser modelo da nossa Quaresma.

– O jejum significa domínio sobre o primeiro e mais forte instinto, o de sobrevivência. Significa coisas hoje muito esquecidas, como austeridade, respeito, saber seus limites, impor-se limites. A grande tentação hoje tem que ver com a palavra de ordem: “tem vontade, faz!”. Em nome da liberdade, impõe-se a libertinagem. O “senhor Mercado” exige isso, porque jejum, moderação, educação não dão lucro, e libertinagem dá.

– As tentações que Jesus venceu estão nos vencendo. “Transforma essa pedra em pão!”. As necessidades básicas, o pão, são primordiais, tanto que está o pão no centro do Pai-nosso. Mas transformar as pessoas em consumidoras e reduzir o sentido da vida ao conforto e ao consumo nada tem que ver com o pão necessário para *hoje*. Não obstante, é a ordem do senhor Mercado e é o que



mais se vê. Não é mentalidade comum a ideia de que viver bem significa gozar de todos os prazeres que a vida pode oferecer?

– Poder e dinheiro: essas tentações existem hoje? É até difícil falar sobre isso; todos estão cansados de ver e saber. Mas não escapam a elas. O dinheiro se pode contar, somar ou diminuir. É muito visível. Outros valores, como honra, dignidade, respeito, solidariedade, não se podem contar nem somar, desaparecem diante do dinheiro. Dinheiro não tem qualidade, só quantidade. Em negócios e em política vale tudo, só não vale perder.

– A religião de curas e milagres cresce como uma avalanche. O individualismo e a busca de soluções na religião para problemas psicológicos, afetivos, de saúde a até econômicos são fenômenos que parecem característicos dos nossos tempos. A fé já não é o comprometer-se com um Messias crucificado, mas acreditar na cura, acreditar que Jesus me livra das dificuldades. O centro da religião passa a ser eu. Quaresma é lutar e vencer essas tentações, como fez Jesus.

2º domingo da quaresma

24 de fevereiro

Um êxodo diferente

I. Introdução geral

No segundo domingo da Quaresma também se encontra, todos os anos, o episódio da transfiguração, cada vez à luz de um dos evangelhos sinóticos. Ainda no início, é bom olhar um pouco melhor para o caminho e para a chegada. Para quem se prepara para o batismo ou para renovar os compromissos do seu batismo e vivê-lo melhor, será bom também ver o que se pode aprender do episódio.

Este ano a versão é a de Lucas, que nem fala de transfiguração, mas apenas do rosto de Jesus transformado pela oração e da brancura e brilho de suas roupas.

Fala da morte de Jesus como um êxodo, uma saída semelhante à dos hebreus da escravidão do Egito. Jerusalém é o ponto central para Lucas, tanto no evangelho quanto no livro dos Atos dos Apóstolos. Se a rede de comunidades cristãs fundada por Paulo era acusada de negar sua origem judaica, Lucas contesta, colocando Jerusalém sempre no centro. O êxodo ou a saída de Jesus que se dá em Jerusalém pode ter, então, vários significados.

Jerusalém e tudo o que ela significa ter-se-ão transformado em outro Egito, nova “casa da escravidão”? A saída de Jesus da cidade explica-se pela necessidade de ele ser crucificado fora dela – o que era normal e exigido pela Lei, pois a crucifixão torna impuro o lugar – ou também significa uma saída que ele abriu para a humanidade? A morte de cruz é um êxodo, uma saída, porque escapa totalmente a uma leitura e interpretação de Dt 21,23 (quem morre pendurado é maldito por Deus)?

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura (Gn 15,5-12.17-18)

Abrão está velho e sem filhos. Deus dá-lhe a esperança de tornar-se pai de enorme multidão. O fogo que passa entre as metades de animais sacrificados simboliza que Deus está firmando um compromisso com Abrão.

Abrão é modelo do patriarca ou pai grandioso, lembrado por inúmeras gerações. Ele, porém, não é pai grandioso (o significado do seu nome) por causa de seu vigor físico – já estava velho e debilitado quando Javé lhe prometeu grande descendência. Deus é que fez dele o pai da multidão (significado do



nome Abraão). Para tanto, bastou-lhe acreditar na promessa de Deus. Sua fé fê-lo merecer, fez com que o cumprimento da promessa lhe fosse de justiça.

Javé prometeu-lhe também que seria proprietário da terra onde estava. Para garantir isso a Abraão, fez com ele uma aliança.

As alianças ou contratos antigos eram firmados com um rito de sangue. O mais comum era as partes contratantes passarem entre metades de animais sacrificados, pronunciando imprecções ou “rogando pragas”, como se dissessem: “Aconteça-me o mesmo que a estes animais se eu não cumprir o que foi contratado!”.

A promessa de Deus adquire, então, o caráter de uma aliança. Ao cair da tarde, no claro-escuro, fumaça e tocha passam por entre as metades dos animais sacrificados. Fumaça e tocha, o obscuro e a luz, simbolizam o Deus Javé. Ele é, ao mesmo tempo, o totalmente outro, que se encontra na obscuridade da fumaça, e o luzeiro, tocha que clareia e mostra o caminho.

Javé se compromete com Abrão, pai grandioso, que se tornará Abraão, pai da multidão, a dar-lhe um chão, a propriedade de uma terra.

2. II leitura (Fl 3,17-4,1)

Paulo alerta a comunidade contra os que querem exigir que os cristãos não judeus também se circuncidem e se submetam às normas da antiga religião. Reduziam, além disso, a religião a controle de alimentos. Será que Deus está no estômago? Nós pomos fé em Jesus morto e ressuscitado. A salvação para nós passa pela cruz.

Paulo foi fariseu e fiel observante de todas aquelas normas. Perseguiu os cristãos por julgar absurda a afirmação de que um crucificado era a salvação que Deus havia mandado ao mundo, pois um crucificado é, segundo Dt 21,23, maldito por Deus.

Quando entendeu, entretanto, que Jesus era mesmo o Messias, o Cristo, deixou de lado tudo o que para si era o único caminho de salvação, a observância de todas aquelas leis, e passou a seguir Jesus crucificado. Por isso, pede que os filipenses o imitem, sigam o exemplo seu e de outros e não se deixem iludir.

Os que querem se apoiar somente na observância da Lei são inimigos da cruz de Cristo, tiram-lhe toda a importância. Isso faz Paulo chorar. O destino destes é a destruição, enquanto cabe aos cristãos aguardarmos a transformação da nossa humilde pessoa à imagem do Cristo ressuscitado e glorioso.

Com a importância tão grande que dão às prescrições alimentares, parecem dizer que seu Deus está no estômago. Sua glória é a circuncisão, que se encontra naquilo que o homem busca esconder, porque sente vergonha. Em tudo são contraditórios.

3. Evangelho (Lc 9,28-36)

Jesus já falou e voltará a falar da sua paixão. É nesse meio que Lucas situa a transfiguração. A morte humilhante de Jesus não é o fim, é a saída. Tudo está na Bíblia, a Lei (Moisés) e os Profetas (Elias). Os discípulos não escutam.

Marcos e Mateus situam o episódio no sexto dia, e Lucas, no oitavo. Não o fazem porque tiveram informações diferentes, mas porque olham de maneira diversa o significado do episódio. O sexto dia lembra o dia da criação do homem: é certamente no contexto da criação de nova humanidade que Marcos quer entender a transfiguração. O “mais ou menos” oitavo dia de Lucas mostra que ele conhecia o texto de Marcos, mas queria lembrar o oitavo dia, o começo da nova criação do universo. Depois do descanso do sétimo, é novamente o primeiro dia, o dia da ressurreição de Jesus com seu significado cósmico e até ecológico.



Jesus leva à montanha Pedro, Tiago e João. Pedro é aquele que, logo após afirmar ser Jesus o Messias, não admitiu que pudesse ser um Messias sofredor, humilhado pelos poderosos. Tiago e João em Mc 10,35-38 (em Mt é a mãe deles, e Lucas só fala de uma discussão sobre quem seria o maior) pediram a Jesus os primeiros lugares na sua glória ou poder e provocaram a discussão sobre qual o maior entre os doze. Os três precisam de boa lição e por isso são levados à montanha, sozinhos, à parte (Mc e Mt), ao encontro com Deus (Lc).

Só Marcos e Mateus usam o verbo transfigurar, metamorfosear. Lucas diz apenas que o rosto de Jesus mudou de aparência enquanto ele orava.

Só Lucas explicita o teor da conversa de Jesus com Moisés e o profeta Elias, representantes das Escrituras do Primeiro Testamento, então divididas em Lei de Moisés e Profetas. Conversavam sobre a paixão de Jesus que deveria ocorrer em Jerusalém.

O Primeiro Testamento fala de um Messias sofredor. O ponto mais alto disso se encontra nos quatro poemas do livro de Isaías chamados de Cânticos do Servo de Javé (Is 42,1-7; 49,1-8; 52,13-53,12). O projeto de Deus é esse mesmo, mas aos três discípulos ele interessa pouco. Lucas diz que, enquanto Jesus conversava com Moisés e Elias, eles caem no sono.

Lucas fala da morte humilhante de Jesus em Jerusalém – para onde em seguida vão começar a subir (os três discípulos não querem entender isso) – como o êxodo de Jesus. Ele foi morto fora da cidade. Jerusalém era o centro da terra onde correm leite e mel. A terra da liberdade agora se tornou outro Egito, “a fornalha da escravidão”, e não aceita Jesus.

Jesus sai de lá como Moisés saiu do Egito, liderando um povo que buscava a terra da fartura e da liberdade. Assumir a cruz é difícil, é complicado, é humilhação e morte, mas é a saída, é o novo êxodo.

A voz de Deus é fundamental. “O meu filho, o eleito” corresponde exatamente ao começo do primeiro poema do Servo de Javé, que na tradução dos Setenta está “o meu menino, o escolhido”. A cruz será a realização plena daquilo que dizem esses poemas. Os principais discípulos não estão querendo ouvir isso da boca de Jesus, mas Deus diz: “Escutai-o!”.

A nuvem, a sombra e também o medo de ver Deus lembram a presença divina na manifestação do Sinai. Quem eles agora devem ouvir é Jesus, a voz da nova aliança, que eles não eram capazes nem tinham o desejo de ouvir quando anunciava a própria morte.

Pedro parece querer pôr Jesus em pé de igualdade com os representantes do Primeiro Testamento. Nada de novo, Jesus é apenas mais um, igual a Moisés e a Elias. Propõe fazer uma tenda para cada um (pensava numa festa das Tendas?), a fim de que os três se estabeleçam e fiquem ali. Por outro lado, fala por falar, sem saber o que diz ou o que dizer.

Depois de a voz de Deus se fazer ouvir, Jesus se encontra só: ele sozinho resume toda a Escritura. Ele está a sós com eles, mas, com eles, parece que continua sozinho para enfrentar os inimigos em Jerusalém.

III. Pistas para reflexão

Jesus estará ainda hoje enfrentando sozinho o caminho da cruz? A cruz terá deixado mesmo de ser um escândalo, algo absurdo e incompreensível? Não é preferível falar da glória, do poder, do prestígio? Falar de cruz hoje dá sono; cruz, sacrifício em favor do outro, são coisas fora de moda!

– A ressurreição não se explica sem a cruz. A ressurreição vem justificar a cruz, dar a aprovação de Deus a esse caminho tão estranho. A chegada dá razão ao caminho, a ressurreição dá razão à cruz.



– Pedro, Tiago e João terão entendido tão mal a caminhada de Jesus? Sem dúvida, os evangelistas estavam pensando sobretudo nos dirigentes e fiéis de suas comunidades: eram eles certamente que não estavam entendendo bem o caminho de Jesus e começavam a se envolver mais com disputas de poder e prestígio. Como diz o pessoal da roça, o evangelista “está batendo na carroça para o burro

entender”. Esses que têm dificuldade de entender não seremos nós hoje?

– Haverá outra saída para a humanidade, para seus problemas sociais, políticos, ecológicos, que não seja a cruz, a coragem de se sacrificar pelo outro, por todos, pelo todo? Outro dia, uma criança disse: “Para a gente viver em comunidade, é preciso passar pela cruz!”.

Diretrizes para autores

A Vida Pastoral publica artigos de mestres e doutores.

Os textos devem ser inéditos e não enviados a outras revistas.

- Linguagem pastoral, acessível, sem prejuízo da profundidade do texto.
- Tamanho: De 15 a 20 mil caracteres (contando os espaços).
- Texto subdividido em subtítulos, para facilitar a leitura.
- Evitar notas de rodapé em grande quantidade e tamanho; as informações julgadas importantes devem ser postas no corpo do texto, fazendo notas explicativas apenas quando isso não for possível.
- O recurso a notas deverá ser usado apenas em casos de notas explicativas.
- As referências bibliográficas de citações deverão ser inseridas no corpo do artigo, entre parêntesis, seguindo o padrão: (sobrenome, ano da publicação: número da página).
- A bibliografia deverá estar dispostas no final do artigo. As obras, em ordem alfabética, devem obedecer à seguinte seqüência: Autor (Sobrenome em caixa alta, Nome). Título em itálico. Edição. Cidade: Editora, Data da publicação. Para outros itens não exemplificados aqui, seguir as normas da ABNT, citação dos elementos essenciais (NBR 6023, facilmente localizável na Internet).
- Evitar lista bibliográfica muito extensa, incluir apenas o fundamental.
- Enviar os arquivos em documento do Word, simples, sem formatação; fonte: *times new roman*; espaçamento de 1,5; tamanho 12.
- Citações maiores que três linhas devem ser destacadas do corpo do texto, com recuo maior e tamanho das letras 11, sem necessidade de aspas ou itálico.
- Inserir no início, em itálico, pequeno resumo de 3 a 4 linhas.
- Incluir no final do artigo, pequeno texto de 3 linhas com informações biográficas sobre o autor e *e-mail* para contato.
- Traduzir todas as citações em língua estrangeira.
- Enviar por anexo ao *e-mail* do editor: vidapastoral@paulus.com.br